

**MAIOQUE RODRIGUES FIGUEIREDO**

**O PROTAGONISMO DOS PROFESSORES TERENA DA  
ALDEIA TERERÉ - TERRA BURITI - SIDROLÂNDIA-MS: NA  
CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER COMUNITÁRIO**



**UCDB**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CAMPO GRANDE/MS**

**2017**

**MAIOQUE RODRIGUES FIGUEIREDO**

**O PROTAGONISMO DOS PROFESSORES TERENA DA  
ALDEIA TERERÉ - TERRA BURITI - SIDROLÂNDIA-MS: NA  
CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER COMUNITÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.

**Área de Concentração:** Educação

**Orientador:** Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros



**UCDB**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CAMPO GRANDE/MS**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

Figueiredo, Maioque Rodrigues  
F475P O protagonismo dos professores Terena da Aldeia Tereré - Terra Buriti - Sidrolândia (MS): na construção do bem viver comunitário./ Maioque Rodrigues Figueiredo; orientador Heitor Queiroz de Medeiros.-- 2017.  
87 f.

Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017.

1. Professores indígenas - Formação 2. Índios Terena - Educação  
I. Medeiros, Heitor Queiroz de II. Título

CDD – 370.71

**“O PROTAGONISMO DOS PROFESSORES TERENA NA ESCOLA  
INDÍGENA “CACIQUE JOÃO BATISTA FIGUEIREDO” ALDEIA TERERÉ,  
TERRA INDÍGENA BURITI - SIDROLÂNDIA (MS) NA CONSTRUÇÃO DO  
BEM VIVER COMUNITÁRIO”**

**MAIOQUE RODRIGUES FIGUEIREDO**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

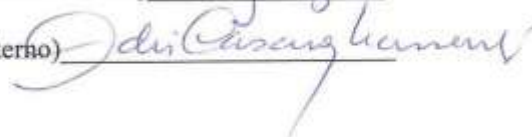
Dr. Heitor Queiroz de Medeiros – PPGE/UCDB (orientador)



Dr. Antônio Carlos Seizer da Silva - SED-MS/CEFPI (membro externo)



Dr. Adir Casaro Nascimento – PPGE/UCDB (membro interno)



Campo Grande/MS, 22 de março de 2017.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO E DOUTORADO

Ao povo Terena da aldeia Tereré Terra Indígena Buriti município de Sidrolândia estado de Mato Grosso do Sul.

Aos professores da Escola Indígena Cacique “João Batista Figueiredo”.

Aos meus avôs paternos: João Batista Figueiredo e Flaviana Alcântara.

Aos meus avôs maternos: Silvério Rodrigues e Antonia Custódio.

Em especial, aos meus pais: Joaquim Loureiro Figueiredo Neto, a pessoa que se dedicou por mim em todos os momentos da sua vida, ainda com saudade e em lágrimas, para aquela que não tenho palavras em dizer o quanto a amo e sinto sua falta, minha saudosa MÃE ROZINHA MAMEDES RODRIGUES FIGUEIREDO.

## **AGRADECIMENTOS**

Meu agradecimento em primeiro plano é para aquele que me permitiu estar aqui contemplando desse momento muito importante: Deus.

Serei eternamente grato a minha família e amigos que compreenderam e assistiram de perto minha dedicação à formação.

A minha esposa, Maria Aparecida Correia e meus filhos Bruno Rodrigues Correia Figueiredo e Brenda Correia Figueiredo, que prontamente entenderam a importância da minha formação, pela compreensão, pois precisei renunciar momentos em família para dedicar aos estudos, e sacrificar os poucos recursos financeiros para investir na minha formação.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (Mestrado e Doutorado) da UCDB, linha 3- Diversidade Cultural e Educação Escolar Indígena.

Aos meus orientadores, que juntos fomos aprendizes no processo de construção do conhecimento, professor Dr. Heitor Queiroz de Medeiros e Coorientador professor Dr. Antonio Carlos Seizer.

FIGUEIREDO, Maioque Rodrigues. *O protagonismo dos professores Terena da Aldeia Tereré - Terra Buriti - Sidrolândia - MS: na construção do bem viver comunitário*. Campo Grande, 2016. 86p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação e Interculturalidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. A pesquisa tem como objetivo geral investigar e entender o protagonismo dos professores Terena da educação escolar indígena “Cacique João Batista Figueiredo”, na construção do bem viver da Aldeia. Como se deu a escolarização na comunidade indígena da aldeia Tereré Terra Buriti município de Sidrolândia-MS, a construção e criação da escola Indígena municipal Cacique João Batista Figueiredo, Sidrolândia MS. Dialogando e valorizando as obras dos intelectuais indígenas e militantes da educação escolar indígena, como também referenciais teóricos do PPGE relacionado aos estudos da cultura. Com a metodologia de pesquisa de caráter qualitativo, e foi realizado por meio da técnica de diário de campo, com procedimento para a produção de dados a história oral, entrevistas, análise documental e bibliográfica. Esta modalidade de “educação escolar indígena” é contemporânea em meio aos povos indígenas, direito adquirido na constituição de 1988. Espectador ou protagonista? Vamos ver como os professores indígenas têm construído essa educação, diante dos 500 anos de história de submissão e exclusão. Buscando diálogo com as lideranças tradicionais e políticas na construção do bem viver comunitário.

**PALAVRA-CHAVE:** Educação. Professor indígena. Protagonismo. Bem viver.

FIGUEIREDO, Maioque Rodrigues. *The protagonism of teachers Terena of Village Tereré - Terra Buriti - Sidrolândia-MS: in the construction of the good living community*. Campo Grande, 2016. 86p. Master's Dissertation in Education - Don Bosco Catholic University - UCDB.

## ABSTRACT

This master's thesis is linked to the Cultural Diversity and Indigenous Education Research Line and to the Education and Intercultural Research Group of the Graduate Program in Education - Master and Doctorate of the Catholic University of Don Bosco / UCDB. The research has as general objective to investigate and to understand the protagonism of the Terena teachers of the indigenous school education “Cacique João Batista Figueiredo”, in the construction of the well live of the Village. As was the schooling in the indigenous community of Tereré village Terra Buriti municipality of Sidrolândia MS, the construction and creation of the municipal Indian school Cacique João Batista Figueiredo, Sidrolândia MS. Dialogando and valuing the works of the indigenous intellectuals and militants of the indigenous school education, as well as theoretical reference of the PPGE related to the studies of the culture. With the research methodology of qualitative character, and was carried out through the technique of field diary, with procedure for the production of oral history data, interviews, documentary and bibliographic analysis. This modality of “indigenous school education” is contemporary among the indigenous peoples, acquired right in the constitution of 1988. Spectator or protagonist? Let's see how indigenous teachers have built this education, given the 500-year history of submission and exclusion. Seeking dialogue with the traditional and political leaderships in the construction of good community life.

**Keywords:** Education. Indigenous teacher. Protagonism. Well live.



FIGUEIREDO, Maioque Rodrigues. *O protagonismo dos professores terena da Aldeia Tereré - Terra Buriti - Sidrolândia-MS: na construção do bem viver comunitário*. Campo Grande, 2016. 87p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

## RESUMO

Enepora yutoiti ituke mestrado, hara hoko kixovoku yutoxeovo ne kixovoku vitukeovo kopenoti, koane kixovoku kopenoti ihikaxeovo koane houxinovati enepora ihikauvoti yoko oposikoati isukeekoa poinu kixovoku viyeno, enepora Programa Pós- Graduação em Educação Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Enepora uhakoeti yutoiti hanaiti kixoekone motovati oposikeovo kixoekone koane kixoaku uti vexea xapakuke ihikaxoti kopenoti enepora kixoekone ihikaxeovo kopenoti yara ihikaxovokuti “ nati xuaum mbatista figueredu”,apeti kuveuku vipuxovoku motovati unatiyea koeku viyeno xapa. Ukeatine Iná turixovo ihikaxeovoti yara ipuxovoku kopenoti terere koeha ainovo ukeati poke'exa mburiti akoti ahika pitivoko sidrolândia, enepora isoneuti Iná turixovo ihonone itukeovo ihikaxovokuti ituke kopenoti itea ako pono akoe haneye emouti municipal koeti xererekuke nati xuaum mbatista figueredu enomone ituko hokone ihikaxoti kopenoti motovati veyopeovo enonemo ihonea koati kanauti ihikaxovokuti ituke kopenoti, eno hounevoti koane isoneuti oposiokoati kixoaku uti vitoponea, komoma uti xoko PPGE kixoaku komomoyea ne ihikaxovotihiko vitukeovo akoti itukapu kopenoti. Enepora yutoiti uhe'ekoti kixoaku oposikea itoponea uhe'ekea yutoxeovo koane hokoati ikeneke motovati iyuseyea kixoaku kauhapiukea enepone itoponone koanemaka exetina viyeno usotine xane inamaka keno'oko komomoyeovo koyuhopetike. Motovoke koiyeane ye ihikaxeokeono kopenoti inamati xapakuke viyeno kopenoti enepone vitoponone xoko koyuhope purutuye ihaxoneti constituicao ituke pohuti mili xoene oitenta e oitu. Kuxoati uti ako vitukoati oukeke itopoinovike voxunoe? Komomati uti hiyeuke ihikaxoti kopenoti kuti itopono tukukoeti ko'oyene oukeke ihikauvoti xapakuke viyeno xapa ukeatine kinhentu koetine xoene ikene enepora xeti itukeovo uti kutipoti koekuti yuhoinokono uti koane akoye vakahainokonoa unatiyea vitukeovo. Itea ainapo akoe uhe'eko exetina viyeno xapa usotihiko xane akotihiko exa yutoxeo itea uhe'ekoti koisoneuyea xapakuke purutuye motovati unatiye ipuhikeya uhe'ekoti isoneuti xapakuke viyeno xapa kopenoti tereno.

kixovoku vihikaxeokono, ihikaxoti kopenoti yoko uha koeti ivavakinoati isoneu, unatiyea viyeno xapa tereno kuveke vipuxovoku Tereré.

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> - Mapa de homologação do território da Aldeia Buritizinho (Tereré) PIN Buriti, Sidrolândia MS .....	38
<b>Mapa 2</b> - localização do município de Sidrolândia, no estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil .....	39

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Pajé Terena .....	16
<b>Figura 2</b> - Localização do Território Aldeia Tereré e Aldeia Nova Tereré.....	40

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b>	- Equipe de futebol da Aldeia Tereré .....	42
<b>Imagem 2</b>	- João Batista Figueiredo .....	43
<b>Imagem 3</b>	- Mutirão construção do centro comunitário, da escola e da casa de professores .....	44
<b>Imagem 4</b>	- Centro Cultural “Flavia Alcântara Figueiredo” Aldeia Tereré, onde funcionou como sala de aula.....	46
<b>Imagem 5</b>	- Início da obra Cacique João Batista Figueiredo - 2015 .....	48
<b>Imagem 6</b>	- Obra concluída Escola Indígena Cacique “João Batista Figueiredo” .....	49
<b>Imagem 7</b>	- Palestra na escola Cacique Indígena “João Batista Figueiredo” .....	55
<b>Imagem 8</b>	Desfile projeto meio ambiente .....	59
<b>Imagem 9</b>	- Desfile projeto meio ambiente .....	60
<b>Imagem 10</b>	- Alunos assistindo teatro na Escola Indígena Cacique João B. Figueiredo ....	61
<b>Imagem 11</b>	- Grupo de teatro Escola Indígena Cacique João B. Figueiredo .....	61
<b>Imagem 12</b>	- Desfile Beleza indígena - semana cultural Escola Cacique “João Batista Figueiredo” .....	64
<b>Imagem 13</b>	- Desfile Beleza indígena – semana cultural Escola Cacique “João Batista Figueiredo” .....	65
<b>Imagem 14</b>	- Alunos na retomada .....	70
<b>Imagem 15</b>	- Produção na área de retomada, colheita do milho .....	72
<b>Imagem 16</b>	- Crianças Terena antes e depois .....	83

## LISTA DE SIGLAS

- ANPED - Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento
- APM - Associação de Pais e Mestres
- ASG - Assistente de Serviço Geral
- CEE - Conselho Estadual de Educação
- CGEEI - Conselho Gestor de Educação Escolar Indígena
- CIMI - Conselho Indigenista Missionário
- CONEEI - Conselho Nacional de Educação Escolar Indígena
- DF - Distrito Federal
- FUNAI - Fundação Nacional de Assistência ao Índio
- GT - Grupo de Trabalho
- IBGE - Instituto brasileiro geográfico e estatístico
- LACED - Laboratório de pesquisa em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento
- MPF - Ministério Público Federal
- MS - Mato Grosso do Sul
- OIT - Organização Internacional do Trabalho
- ONU - Organização das Nações Unidas
- PCNI - Parâmetro curriculares nacionais indígenas
- SIL - *Summer Institute of Linguistic*
- UCDB - Universidade Católica Dom Bosco
- UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
- UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados
- UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 - MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS MEMÓRIAS - CAMINHOS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	13
1.1 Minhas histórias, minhas memórias .....	13
1.2 Caminhos da pesquisa atualizando o tema .....	23
1.3 Procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa .....	28
<b>CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ALDEIA TERERÉ</b> .....	32
2.1 A busca da escolarização na Aldeia Tereré: desafios e conquistas .....	32
2.2 Caminhos para a criação da escola cacique João Batista Figueiredo.....	36
2.3 De fora, mais com saberes de dentro: a Escola na Aldeia Tereré e suas práticas de resistência .....	51
<b>CAPÍTULO 3 - ESPECTADORES E/OU PROTAGONISTAS: A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES COMO FATOR PREPONDERANTE PARA O FORTALECIMENTO DE LAÇOS COM AS LIDERANÇAS POLÍTICO-TRADICIONAIS</b> .....	57
3.1 Escola, professores e movimentos: protagonismo para além dos muros da escola.....	57
3.2 A participação dos professores da Aldeia Tereré no movimento dos Terena pela retomada da Terra Indígena Buriti .....	66
3.3 O protagonismo dos professores como prática discursiva e efetiva na construção do bem viver dos Terena da Aldeia Tereré: caminhos para a autonomia?.....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: E QUANDO O PROTAGONISMO ACONTECE? .....</b>	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84

# CAPÍTULO 1

## MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS MEMÓRIAS CAMINHOS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 1.1 Minhas histórias, minhas memórias

Meus primeiros passos e caminhos percorridos, caminhos que parece não ter fim, por onde andei o que vi e li a respeito. Entre mudanças e resistência, a minha identidade já possui um repertório híbrido (CANCLINI, 2003). Sou Terena os ditos excluídos da sociedade, os subalternos, colonizados, oprimidos. Pois nesse caminho conturbado, ainda não concluído, mas posso dizer que não sou mais a mesma pessoa, sou outra, em uma palavra resumo tudo o que estou sentindo, me sinto libertado. Essa narrativa é construída a partir daquilo que me tornei daquilo que consigo enxergar, onde estou situado, de onde falo. Com isso quero enfatizar a não neutralidade diante do objeto de pesquisa, da qual também protagonizo, (KLEIN, DAMICO, 2012). Ainda para complementar o raciocínio na ideia de pertencimento ao grupo Terena da qual milito e solidarizo Hall (2000, p. 6) afirma:

Na linguagem do senso comum, identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão.

Pois sou parte da construção dos sonhos desse povo, que por séculos foram submetidos à imposição colonial ocidental, é a partir desse entendimento que é o meu ponto de partida. Undy<sup>1</sup> Maioque Rodrigues Figueiredo, undy kopenoty<sup>2</sup> Terenoé.

Nasci em Campo Grande capital de Mato Grosso do Sul. Segundo a minha mãe tive complicações no meu nascimento no momento do parto. Pois algumas irmãs que ali trabalhavam naquele hospital, acharam por bem me batizar, o batismo poderia me curar naquele momento e me deram o nome de José Maioque, porém ao registrar-me em cartório o

---

<sup>1</sup> Undy: Na língua Terena pronome primeira pessoa do singular “eu”.

<sup>2</sup> Kopenoty: Índio.

primeiro nome não foi registrado. As pessoas de mais idade da aldeia me chamam de Zé ou Zé Maioque inclusive os meus irmãos, os amigos que fui construindo me chamam de Maioque, pois não estranhe se alguém me chamar de Zé.

Nasci dentro de uma família tradicional Terena na Terra indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti MS, meus avós paternos e avós maternos falavam a língua Terena e seguiam a risca os costumes e tradição Terena. Os Terenas são remanescentes do povo Aruák.

A história do povo Terena é longa e está ligada às histórias de vários povos indígenas, dos europeus, dos africanos e seus descendentes. O povo Terena, juntamente com os Laiana e os Kinikinau, faz parte da história de grupos indígenas que vivem em várias regiões e países da América (BITTENCOURT, LADEIRA, 2000, p. 12).

Lembro que minha avó Flavia Alcântara, mãe de meu pai Joaquim Loureiro Figueiredo Neto, se lembrava das histórias do Exivá, eu construía esse lugar na minha imaginação. Segundo minha avó era um lugar com muita “fartura”, tinha muita caça, pesca, mel, tinha muita roça, a mãe dela tinha vindo de lá do Exivá. Minha avó era uma excelente tecelã, fabricava: coxas, mantas, redes de algodão e lã. Às vezes ficava o dia todo com ela tecendo lã, tinha uma peça que ela mesma fabricava chamado “*cambito*”, esse servia para fabricar os fios de lã ou de algodão. A lã era fixada ou amarrada na base do cambito, outro fazia o movimento de girar o cambito no caso eu e meus primos, a minha avó ia conduzindo e firmando a lã, os fios iam sendo fabricados e ficavam cada vez mais compridos, enrolávamos os fios na base do cambito, às vezes ficava bem pesado. O trabalho dos meninos era girar o cambito, para as meninas ficava o preparo das lãs. Lembro também que ela fabricava pote de barro, esse servia para armazenar água, lembro-me do cheiro gostoso da água, tudo era tudo muito natural.

Todos estes grupos indígenas que falam a língua Aruák têm diferenças entre si, mas possuem uma mesma língua de origem. Além desta proximidade que indica uma origem comum, estes grupos têm semelhanças na forma de sua organização social. Todos esses grupos possuem ou possuíram formas de organização internas características, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 18).

Meu avô João Batista Figueiredo, pai de meu pai era uma pessoa extraordinária, falava pouco o português, foi *Capitão*<sup>3</sup> na aldeia Buriti, era um *koéxomoneti*<sup>4</sup> ou “*pajé*” líder

<sup>3</sup> Capitão - termo usado para definir a representação política da aldeia indígena

<sup>4</sup> koéxomoneti - Terena que adquiriu experiências ao longo da vida e, domina os fenômenos da vida, da natureza e da espiritualidade.



espiritual muito conhecido e respeitado na região, pois dominava os conhecimentos místicos, espirituais e da natureza. Conheci e convivi com meu avô, presenciei muitos trabalhos realizado por ele, esta narrativa foi construído em diálogo com meu tio Sebastião Figueiredo e meu pai Joaquim Loureiro Figueiredo Neto, ambos são irmãos filho de João Batista Figueiredo. Sobre os koixomuneti Carvalho (2008, p. 156) afirma:

Sobre os poderes do koixomuneti, o texto procura entender o aspecto mágico e sua função antinômica, pois ao mesmo tempo em que é prestigiado por seus poderes de cura, é também, temido por este mesmo poder de inferência na vida dos indivíduos que formam a comunidade. Relata ainda depoimentos deste poder mágico capaz de visões além do lócus de sociabilidade, tendo acesso a um outro espaço histórico e mesmo de deslocamento do koixomuneti para esses outros espaços. Uma espécie de “parte” com os animais é relatada como viabilizadora dessas concepções e que são entendidas como parte fundamental da cosmovisão Terena.

Era muito constante a presença de pessoas de todos os lugares da região, inclusive pessoas de outros estados vinham em busca de resolver seus problemas de saúde, muitas vezes desenganados pelos médicos. Lembro-me de alguns rituais feitos por ele: 1- O canto com o porungo feito de cabaça onde passavam horas cantando, parecia que o koixomonéti estava dialogando com alguém que só ele enxergava, esse parecia estar trazendo alguma mensagem espiritual do paciente, se a alma dele estava longe o ritual seria mais longo era preciso mais canto para trazer a alma de volta, se a alma estivesse perto o ritual era menos longo, 2- outro ritual era chamado de “Benzer” ou “dar passe”, semelhante a uma oração, com uma voz bem suave e piano, esse ritual era constante mesmo que as pessoas não estivessem nenhum tipo de doença, ou também para crianças com quebrante, ou criança que choram muito a noite, o ritual também era feito contra picada de cobra, dor de dente, dor de cabeça. 3- O ritual das ervas medicinais, João Figueiredo conhecia muito o poder das ervas, coletava e fazia chá para vários tipos de doenças, segundo Lescano (2016, p. 56). “É um sujeito saudável que, por meio de remédios ou plantas medicinais, gosta de ajudar os outros com seu saber sobre as plantas, usa esse conhecimento para ajudar a coletividade” para Vargas (2011, p. 108):

[...] Os Terena buscavam o tratamento de cura com os koixomuneti quando julgavam necessário. Isso se dava quando acreditavam que as doenças que envolviam eram de ordem espiritual e o médico dos não índios não resolveriam o problema [...].

Outros conhecimentos tradicionais que dominava era sobre os fenômenos da natureza, nas rodas de conversar ele dizia que tudo na natureza tem dono, a mata tem dono, a água tem dono, os animais tem dono, e cada um desses tem a sua importância para a natureza e para as pessoas, meu avô dizia que a natureza conversa com a gente, se entendermos ela, ela nos transmite muitas informações, como por exemplo: o canto dos pássaros, o vento, a lua o sol pode agir sobre nós. Para extrair matéria prima da mata é preciso respeitar a fase da lua.

A Figura 1, a seguir, desenhada por um artista popular da Aldeia Nova Tereré retrata a imagem de um pajé Terena conforme descrevemos anteriormente. O desenho é do professor Marquinhos Basílio, natural da aldeia Bananal PIN Taunay, município de Aquidauana - MS.



**Figura 1** - Pajé Terena (desenhado partir da fotografia João Batista Figueiredo)  
**Fonte:** Acervo do Artista Marquinhos Basílio (2017).

Meu avô João Batista Figueiredo, koéxomonéti um Terena autêntico que ao longo da vida soube compreender a arte de viver, Terena que adquiriu experiências ao longo da vida e, dominou os fenômenos da vida, da natureza e da espiritualidade.

**Rezador** – *Johechakáry*: É uma pessoa que conseguiu a perfeição, desvendada por meio de cantos e rezas, de diversos saberes do mundo onde estamos e reconhecendo outros mundos também. É considerado o melhor no comportamento e na maneira de ser, por isso é o mais próximo de *Ñande Ru*. Trata-se de uma pessoa que adquiriu o comportamento para ser a mais correta, que consegue ver muitas coisas além do que é visto pela visão, que segue o critério dos elementos culturais, por mais rígido que for, e tem experiência para contar e recontar, além de preparar outros para serem bons rezadores também (LESCANO, 2016, p. 43).

Meu avô João Batista Figueiredo contava muitas histórias do cotidiano, da sua experiência como capitão e dos trabalhos realizados como pajé. Os conhecimentos tradicionais as sabedorias e conselhos dele como capitão e pajé era lei para as famílias Terena, as pessoas que conviveram com ele na época seguiam à risca os conselhos que ele falava principalmente a questão relacionada à crença e a cosmo visão indígena.

A convivência com meus avôs maternos foi pouca, mas lembro das histórias do cotidiano dos meus avôs, minha avó Antonia e meu avô Silvério, pais de minha mãe Rozinha Mamedes Rodrigues Figueiredo, eles relatavam muitos sobre os trabalhos nas fazendas nas proximidades da Terra Buriti. Segundo Eremites de Oliveira e Pereira (2007, p. 8) o povo Terena passou por um acelerado processo de desterritorialização. Eles perderam os espaços nos quais radicavam suas aldeias de acordo suas distinvidades étnicas. A partir daí passaram a viver como famílias agregadas de fazendas que se instalaram na região. Meus avós maternos tiveram nove filhos, oito homens e uma mulher, todos criados na roça, plantavam de tudo naquela época: arroz, feijão, mandioca, criavam muita galinha, porco; lembro também que tinha muito peixe no córrego Buriti. Atualmente, muitos filhos dos meus avôs na aldeia urbana na Aldeia Tereré, a maioria trabalha nas empresas. A minha mãe única mulher entre oito irmãos homens, segunda mais velha ela tinha que dar conta de cuidar de todos os irmãos mais novos, que eram muitos. Segundo relatos de minha mãe, ela lavava roupa na beira do córrego Buriti, que passava bem perto da Aldeia Barreirinho, ao mesmo tempo em que lavava roupa, também nadava e pescava, até hoje os meus tios ganham o apelido de lambari, porque dizem que nadavam igual peixe.

A minha mãe é um exemplo de pessoa, um exemplo de companheira e amiga, pois ela estava presente em todos os momentos de nossa vida familiar. Com ela, mesmo longe de nosso povo, ela nos contava as história dos Terena, mamãe também era falante da língua Terena. Deixo aqui todo meu carinho e respeito pela minha querida Mãe que partiu feliz, pois ela queria ver seus filhos formados. Mamãe estava entre a vida e a morte no hospital, quando

estava marcada a entrevista do processo seletivo de mestrado na Universidade Federal de Campo Grande, priorizei estar junto de minha mãe, porque nunca mais iria vê-la.

Ainda pequeno, ali aos três, quatro anos de idade, fui morar na Aldeia Porto Lindo povo Guarani município de Japorã - MS. Ali cresci até a idade de ir para escola, minha infância foi no meio do povo Guarani, onde aprendi a falar um pouco a língua Guarani. Lembro que fui criança pra valer, brinquei muito, fui muito feliz na minha infância. Meu pai era Enfermeiro da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), ele concluiu o quarto ano dos anos iniciais, ele é muito inteligente, é falante da língua Terena e aprendeu também falar a língua Guarani. Como enfermeiro da FUNAI, não deixou faltar nada pra mim e minha família.

A minha vida na Aldeia Porto Lindo, município de Japorã MS, está guardada na memória cada momento, fui muito feliz ali naquela aldeia, brinquei, nadei, passeava a aldeia toda, lembro que tinha muitos rios, cachoeiras, matas, muitas árvores frutíferas... Eu gostava de colher frutos na mata como a jabuticaba, era nativo ali naquele lugar, armava arapuca, jogava bola, tenho saudade e ainda quero retornar para rever os amigos que ali construí.

Aos sete anos de idade entrei na escola, lembro que chamava a nossa escola de “missão”, a escola ficava em uma chácara, com muitas plantações, árvores frutíferas, tinha também igreja, naquela época a escola ficava fora da aldeia, lembro que íamos de charrete às vezes íamos a pé.

Lembro que foi um desastre a escola na minha vida, estava perdido, não entendia o que a professora falava, parece que queriam me alfabetizar na marra, eu não conseguia ler, lembro que ate ficava de castigo, porque a professora explicava, e quando chegava a minha hora de ler não saia nada. Meu pai ficava sabendo, já me dava uns puxões de orelha, tabuada nem se fala, meu Deus, como era difícil, e assim foi o primeiro e o segundo ano na escola. Nesses meios lembro que viajava para visitar meus avos maternos e paternos nas férias na aldeia Buriti.

Meu pai foi transferido para aldeia Cachoeirinha município de Miranda MS, outra escola, todos os alunos falavam a língua Terena, não entendia nada, nem na escola nem fora a escola, os professores lembro que era uma professora não indígena. Ali na aldeia Cachoeirinha, por conta da língua, não fiz tanta amizade. Novamente meu pai foi transferido.

Fomos morar na Aldeia Jaguapiru município de Dourados MS, território do povo Guarani Caiowá e Terena. Ali fiz muitas amizades, também estudei na escola da aldeia, tinha professore s indígenas e não indígenas, acho que já um pouco crescido já prestava atenção nas explicações dos professores, terminei a terceira série, e novamente e definitivamente meu pai

foi transferido para a recém-criada Aldeia Tereré município de Sidrolândia MS, no ano de 1985.

A minha avó Flaviana Alcântara Figueiredo e meu avô João Batista Figueiredo, até por influencia que eles tinham na época com o Coordenador da FUNAI/Campo Grande MS, pediram que meu pai fosse transferido pra recém-criada Aldeia Tereré, e que estava precisando de um enfermeiro.

Nesse período eu tinha meus dez anos de idade e fui matriculado em uma escola na cidade muito conhecida, Escola Municipal “Olinda Brito de Souza”, nessa escola me parece que eu já estava bem situado no mundo escolar, lembro que na quarta serie, a escola promoveu um concurso de tabuada e, eu ganhei ficando em primeiro lugar, o meu irmão foi campeão de embaixadinho ele estava na terceira série.

Pois bem, em meio a esses entre lugares fui construindo minha identidade, a maior parte da minha infância foi no meio povo guarani, vivi guarani, brincava guarani, dançava guarani, cantava guarani, porém ao dormir a minha mãe me contava histórias Terena.

Esses ‘entre – lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 19-42).

Parece que não íamos mais mudar, era definitivo viver na aldeia Tereré em Sidrolândia - MS. Meu pai, servidor da FUNAI, realizava os casamentos dos indígenas, já não fazia só a função de enfermeiro, pois era atribuído também o papel do chefe de posto, registrar nascimento e casamento de índio no livro de registro da FUNAI, cresci vivenciando isso, de vez em quando meu pai pedia para que eu o ajudasse, cresci lendo e decorando a Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973 - Estatuto do Índio (BRASIL, 1973). Isso pra mim era magnífico, nem sabia o que significava. Mas estava ali ajudando meu pai, ajudando meu tio Cacique da Aldeia Tereré João Figueiredo filho, popular Capitão Santo.

Ajudar meu tio, Capitão Santo com os trabalhos da Aldeia e meu pai Joaquim Loureiro Figueiredo Neto com os trabalhos que não era só a função de enfermagem, mas também outras atribuições foram importantes para a minha formação e entendimento sobre a questão indígena, foi ali o inicio do meu envolvimento com a questão indígena, a construção da minha identidade, defensor da causa indígena, mesmo sem saber o que estava acontecendo, mesmo sem ter uma leitura de sociedade, eu já estava ali trabalhando, fazendo documentos, tudo era eu, aí não parei mais.

Na aldeia Tereré Sidrolândia-MS lembro que eu gostava muito de jogar futebol, fiz muita amizade por conta do futebol, saía pra jogar fora representando a cidade, sonhei em ser jogador de futebol, e por ai vai. Terminei o fundamental na escola estadual “Sidrônio Antunes de Andrade”, fiz o primeiro ano Segundo Grau, conforme a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixava as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e da outras providencias (BRASIL, 1971). Também estudava música, eu era contratado pela Banda Musical de Sidrolândia - MS, era percussionista, apresentamos e ganhamos títulos estaduais e nacionais em concursos de bandas musicais. Aos dezoito anos de idade sai da banda musical, tirei a carteira de trabalho e fui trabalhar na construção do frigorífico, indústria de alimento “Agro Eliane”. Ao terminar a construção do frigorífico, passei a trabalhar na linha de produção. Trabalhei um ano e meio, e sai, acho que indignado com a situação, meu chefe de setor tinha apenas a terceira série do fundamental, a indústria estava recém começando, e as oportunidades que iam surgindo sempre era dos não indígenas que iam preenchendo os cargos.

Ainda sem concluir o ensino médio, já com vinte anos de idade Deus me abençoou com o casamento. Nesse período parei de estudar, pois tinha que trabalhar, eu tinha uma família pra sustentar e não tinha nenhuma formação. Meu filho nasceu e, eu desempregado, fui trabalhar na usina Santa Olinda, uma indústria de açúcar e álcool, em Sidrolândia - MS, pois ali trabalhei três meses, não foram nada fáceis, entre febre e dores no corpo, mãos calejadas, estava findando a safra no mês de dezembro. Aí a reflexão, não vou aguentar, o salário não vai dar conta da manutenção da família, para completar morava na cidade pagando aluguel.

Há algum tempo atrás, os povos indígenas do Brasil acreditavam que a educação escolar era um meio exclusivo de aculturação e havia certa desconfiança e repulsa quanto à escolarização. Isto esta mudando. Diante de um mundo cada vez mais globalizado, os índios julgam que a educação escolar, quando apropriada por eles e direcionada para entender as suas necessidades atuais, pode ser um instrumento de fortalecimento das culturas e das identidades indígenas e um possível canal de conquista de desejada cidadania, entendida como direito de acesso aos bens e aos valores materiais e imateriais do mundo moderno (LUCIAO, 2006, p. 19).

Após a reflexão estava decidido voltar a estudar, pois estava convencido de que através dos estudos poderia ter melhores oportunidades. Não lembro como, mas sei que meu nome estava inscrito na segunda turma do Magistério Indígena. Fui estudar na escola “Pe. Félix Zavattaro”, Curso de Formação e Habilitação de professores de 1ª a 4ª Série do 1º grau para o contexto indígena.

A escola foi criada no dia 28 de agosto de 1992, para atender aos professores dos Assentamentos, Acampamentos e Colônias Agrícola/MS, como uma Experiência Pedagógica e alcançou os seus objetivos em plenitude (REIS, 2005, p. 51).

Concluí o curso de 2º grau na escola “Pe. Félix Zavattaro”, Curso de Formação e Habilitação de professores de 1ª a 4ª Série do 1º Grau para o contexto indígena no ano de 1999. Para mim uma oportunidade única, o convívio e experiência com outras pessoas de comunidades Terena e outros grupos étnicos que compõe o estado de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, contribuiu muito para minha compreensão da diversidade linguística, cultural e de ideias. Porém, não atuei na educação.

Nesse tempo ainda não existia a escola Cacique João Batista Figueiredo, e sim um projeto “Curso de Ensino de Língua Terena” através da Portaria nº 003/11/95, a primeira professora que atuou nesse projeto foi a Professora Maria de Lourdes a principio como professora de língua Terena, natural da Aldeia Cachoeirinha município de Miranda MS. Minha primeira experiência como professor foi nos anos de 1997 e 1998. Depois por questões internas nos próximos seis anos não atuei mais na sala de aula. Fui trabalhar em outros espaços, manutenção de aviários entre outros serviços, sem carteira assinada.

Em 2002, trabalhei na indústria de confecção de vestimenta como mecânico e eletricista em Sidrolândia MS, em 2003 prestei vestibular pra área de administração na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em 2004 era acadêmico de administração, em 2005 e 2006 voltei pra sala de aula como professor na escola extensão Cacique João Batista Figueiredo.

No mesmo ano, prestei vestibular para o curso de Normal Superior, porque no próximo ano não poderia mais voltar pra sala de aula, os professores teriam que estar cursando o curso superior na área de educação. Porém, mesmo iniciando o Normal Superior, já não tinha mais a vaga para minha lotação na escola, por motivo de priorizar outros professores, fiquei de fora.

Não perdi a esperança, fui para aldeia Barreirinho Terra Buriti município de Dois Irmãos do Buriti, pois esta comunidade estava recentemente criando e construindo a Escola “Silvério Rodrigues Mamedes”, me recebeu de braços abertos. Ali trabalhei por quatro anos, e ao mesmo tempo cursava o Normal Superior, foi uma grande experiência, desenvolvi bons trabalhos na sala de aula, também era visto como uma liderança. Conclui o Normal Superior em 2010.

Em 2011 fui convidado para trabalhar na Secretaria de Assuntos Indígenas do município de Dois Irmãos do Buriti. Uma das primeiras secretarias municipal já criada no Brasil. Pais de alunos não queriam que eu deixasse a sala de aula, era uma resposta e resultado do bom trabalho que desenvolvi na aldeia Barreirinho. Neste momento a Terra Indígena Buriti dos municípios de Sidrolândia MS e Dois Irmãos do Buriti MS, já estavam em processo de retomada das terras tradicionais, assunto que abordaremos mais nos próximos capítulos.

No mesmo ano fiz inscrição como aluno especial no Curso de Pós Graduação Mestrado em História da UFGD/Dourados-MS, conclui a Disciplina de Antropologia do Colonialismo. Curso que me orientava mais ainda sobre a história dos povos indígenas. A luz da militância indígena ficava cada vez mais acesa.

Ainda no final do segundo semestre de 2011, fui convidado pela comunidade da Aldeia Tereré Terra Buriti município de Sidrolândia MS para assumir o cargo de Cacique. Pois neste momento estava preste a encarar um conflito interno, me sentia preparado para tal embate, não só com os conflitos internos, mas, com os problemas externos e principalmente político ideológico.

Foi um ano de embate, sem nenhum prestígio político em Sidrolândia-MS, não me contrataram, era mais um professor formado fora da sala de aula por conta dos interesses políticos naquele momento.

A comunidade sempre me dando força, pois estavam confiando na minha visão social e política, precisávamos estar bem politicamente para que pudéssemos dar os próximos passos. Em 2013, deixamos de ser oposição e passamos ser situação. Fui contratado para trabalhar na assessoria do gabinete do Prefeito em Sidrolândia MS, colocamos os projetos em prática, principalmente na área de educação e território, tema que também será abordado nos próximos capítulos.

Em 2015, conclui o curso de Especialização “Cultura e História dos Povos Indígenas”, do programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Campo Grande MS (UFMS). E mestrando no Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande Mato Grosso do sul (UCDB), na Linha de Pesquisa III - Diversidade Cultural e Educação Indígena.

Pois bem os estudos me proporcionaram coisas boas, mas também problemas, digo coisas boas no sentido de ter oportunidades para o mercado do trabalho, trabalhei como professor por um curto período, e na gestão da política pública municipal em Dois Irmãos do Buriti - MS e Sidrolândia - MS. Digo problema porque é no campo político que esta as tensões de conflitos ideológicos acontecem. Os estudos me fizeram ver a sociedade, e vi que



os povos indígenas foram vítimas da sociedade colonizadora, no começo tinha essa visão fragmentada que ao longo dos tempos e através dos movimentos e estudos foram aumentando a minha visão de sociedade, principalmente sobre a história dos povos indígenas. Nesse momento também consolidava cada vez mais a construção da minha identidade enquanto militante do movimento indígena.

## **1.2 Caminhos da pesquisa atualizando o tema**

Bom, para continuarmos caminhando e escrevendo outros momentos da educação escolar indígena e sobre o olhar de um professor, liderança e militante, o protagonismo acontece todos os dias dentro e fora da escola. É no movimento que as coisas se fortalecem, é militando que se protagoniza, que se constrói aquilo que cada povo entende por desejável, é isso que move a educação escolar indígena. Pois também é isso que me levou a pesquisar o tema que aqui proponho. Tal pesquisa na sua totalidade diz respeito à trajetória histórica enquanto militante dos movimentos indígenas, na busca da efetivação da educação escolar indígena diferenciada, da saúde de qualidade e das retomadas das terras tradicionais, resultando na qualidade e bem viver comunitário.

As políticas públicas indígenas não são trabalhadas de forma isolada, ou seja, não pode ser efetivada descolada uma da outra, principalmente a questão do território, isto é imprescindível ser firmado, concretizado “Demarcado/homologado” para que outras políticas aconteçam. Impossível falar de cultura sem ter o território, ou da saúde, educação, se não tem território não pode ter os outros atendimentos diferenciados, direitos que estão garantidos na Constituição.

Busco aqui situar-me sobre o tema, dialogar com outros autores que já falaram deste assunto, dialogar com intelectuais indígenas e não indígenas esse campo de pesquisa que já tem um número considerável de pesquisadores, pois nos últimos anos houve um número expressivo de acadêmicos indígenas inseridos nas universidades, bem como pesquisadores não índios que se interessaram e interessam a pesquisar essa temática.

Pois o tema é atual, a pauta da qual tratamos vem ganhando destaque no campo da ciência e pode contar também com grandes instituições de ensino, como as universidades (UCDB, UFMS, UEMS, UFGD) que nos últimos tempos vem dando grande atenção a essas questões. Devido à grande demanda de indígenas que estão inserindo nas universidades, pois as instituições estão se preparando para receber esses outros modos de fazer saberes, os

currículos das universidades estão sendo resignificados, ao contrario das catequeses, onde as intenções coloniais eram outras.

Numa virada histórica, a identidade indígena expandiu-se, recuperando os ressurgidos e validando a presença dos índios isolados. Do que foi possível contabilizar, são 734.127 pessoas, segundo indica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FGV, 2010), atingindo aproximadamente 0,4% da população brasileira. Esse movimento de recuperação consolidou-se e continuamente consolida-se frente às mudanças da condição de cidadania indígena, as quais fortalecem os 220 povos e suas 180 línguas, incluindo outros povos que falam somente a língua portuguesa, por terem incorporado a língua do colonizador (NASCIMENTO; VINHA, 2012, p. 64).

A citação acima tão bem mencionada, de maneira geral muito marcante na busca que os movimentos de professores e lideranças indígenas almejam uma escola que respeita a diversidade étnica e cultural dos povos indígenas no território brasileiro, pois as comunidades indígenas se apropriaram dessa escola como meio de resistência e afirmação da indenidade.

Educação se define como um conjunto de processos envolvidos na socialização de indivíduos, correspondendo, portanto, a uma parte constitutiva de qualquer sistema cultural de um povo, englobando mecanismo que visam à sua reprodução, perpetuação e/ou mudanças. Ao articular instituições, valores e práticas, em integração dinâmica com outros sistemas sociais, como a economia, a política, a religião, a moral, os sistemas educacionais têm como referência básica os projetos sociais (ideias, valores, sentimentos, hábitos etc.) que lhes cabem realizarem espaços e tempos sociais específicos (LUCIANO, 2006, p. 129).

Pois, a educação escolarizada nos moldes da sociedade ocidental colonizadora conservadora invade a privacidade alheia, quando menos esperamos esse modelo de educação esta dentro da nossa aldeia, diante da nossa porta, entra sem pedir licença, e vai logo tomando conta das coisas, e abrimos as nossas portas de nossas casas para ela entrar sem ao menor sinal de resistência. Quando muito das vezes nós mesmos vamos a busca dela. Essa educação que negou a nossa diversidade, e dizimou milhares de povos indígenas, tem mudado nossas formas de viver.

Nascemos para viver nesse mundo, com um simples propósito natural de nascer crescer, reproduzir e morrer. Para que entender a sociedade? Se passamos séculos ou milênios de anos vivendo dentro da nossa tradição, e mesmo assim as nossas culturas continuaram sendo preservada e resignificada com os mesmos valores.

Segundo Luciano (2006, p. 27) estima-se que em 1500 éramos aproximadamente cinco milhões de indígenas nesse território que antes era explorado de forma sustentável, digo

nesse sentido porque o povo ocidental vive, impera, explora, degrada esse território. Entre tantas outras coisas, é essa a realidade da sociedade, na qual temos que saber viver no mesmo território, nas mesmas realidades sociais, nas mesmas injustiças sociais.

Fomos obrigados a aceitar esse modelo de educação imposto pelos povos ocidentais, a educação escolar indígena diferenciada é uma ferramenta ainda em construção em nossas mãos. Digo ainda que seja uma ferramenta de múltiplos usos, para o bem ou para o mal, escolhemos para que finalidade usar.

Como se disse, a escola é um instrumento essencial para a domesticação do Estado e a busca de espaço na sociedade nacional. No imaginário indígena, há objetivos e metas para o futuro, como o reconhecimento étnico, o protagonismo, a cidadania e a autonomia sociopolítica. O primeiro desses objetivos corresponde à pretensão de que o Estado brasileiro reconheça a existência e os modos próprios de ser e de viver dos povos indígenas. (LUCIANO, 2013, p. 180).

Pois já anunciamos nossa forma de fazer uso dessa ferramenta, desconstruir e romper paradigmas da escola conservadora, fazer da educação escolar indígena meio de resistência em favor da manutenção da cultura, reescrever a história dos povos indígenas a partir dos nossos ideais.

Aqui dialogo com alguns pesquisadores indígenas, quais suas experiências, como intelectual pesquisador e militante da educação escolar indígena, o que já escreveram e vivenciaram sobre, quais expectativas, avanços e desafios a serem enfrentados por nós.

O exemplo disso tem a professora Teodora de Souza, pesquisadora militante e integrante do Conselho Nacional de Educação Escolar Indígena e Comissão Gestora de Educação Escolar Indígena - CNEEI/CGEEI/MEC. A própria trajetória de vida e militância desta professora mostra o quanto somos protagonistas, na elaboração de planos e propostas para a política pública, é bem clara em dizer o que o poder público não sabe sobre o assunto, é literalmente leigo sobre as questões indígenas, a construção de políticas públicas para os povos indígenas cabe a nós fazermos.

Souza (2010, p. 47) ressalta vários temas importantes como também pontua as quatro fases da história da educação escolar indígena no Brasil: 1ª) que da início no período colonial; 2ª) da início na criação do SPI (1910), que se estende a FUNAI - articulado com o SIL e outras instituições religiosas; 3ª) é o surgimento de organizações indigenistas não governamentais, entre outros, no fim da década de 1960 e início da década de 1970, período marcado pela ditadura militar; 4ª) e última fase acontece pelos próprios movimentos

indígenas. Como bem vimos, a participação efetiva da professora nos movimentos e no diálogo, resultantes de implementação de políticas públicas.

No campo da educação, três grandes eixos nortearam esse processo: a Democratização do Acesso, a Democratização da Gestão e a Democratização do Conhecimento. Foi um momento histórico no Município de Dourados, pois, até então, não existia esse espaço intermediador entre as comunidades e órgão público para discutir e elaborar as políticas públicas, de forma a atender o que previa a legislação. A partir deste momento cria-se o espaço político de Gestão de Educação Escolar Indígena, composto, inicialmente, por uma representação guarani, uma representação terena, um estagiário indígena terena e dois não-índios, todos profissionais habilitados na área e comprometidos politicamente e filosoficamente com a questão. (SOUZA, 2010, p. 19).

O protagonismo dos professores indígena é bem complexo, pois sua tarefa vai além de dar aula, pois é necessário ousar, arriscar, qual método mais adequado para se trabalhar na sala de aula, estudar para defender seus direitos enquanto professor e enquanto integrante da comunidade, suas habilidades vai além das salas de aulas, pois é preciso também estruturar o sistema, as Secretárias municipais de Educação que não estão preparadas para realizar essa modalidade de educação.

Outro indígena professor pesquisador Eliel Benites, também militante da educação escolar indígena. É muito marcante na trajetória deste professor falar do processo de desconstrução e construção da identidade, pois o seu envolvimento ou abertura para o exterior como aconteceu com os Terena, gerou um conflito interno, o pior ainda de forma negativa.

Mas foi nos movimentos dos professores Benites (2014, p. 19), que ele se fortalece e constrói sua identidade, quando diz: “Mas com o envolvimento na luta dos professores indígenas, comecei a fortalecer o espírito Kaiowá e guarani”. O movimento dos professores indígenas como espaço de construção de identidade, como construção de resistência apagado dentro de cada professor e lideranças, acesa pelos espíritos da luta.

É importante destacar o papel da escola no contexto da realidade complexa na qual se constrói a identidade contemporânea dos Kaiowá e Guarani. A escola é um lugar que se encontra na fronteira entre o mundo Kaiowá e guarani e o mundo da sociedade não indígena (BENITES, 2014, p. 22).

A escola como espaço de negociação desse mundo de concepções antagônicas, buscando sempre afirmar os elementos que asseguram o ser Kaiowá e Guarani nos contatos com outros povos ou colonizadores.

Tal proposição iniciou um encantamento inicial, uma vez que, supostamente, levaria a apropriação de conhecimentos tecnológicos e científicos que ajudassem a resolver velhos e novos problemas da vida nas aldeias, sem a necessidade de abdicar de tradições, valores e conhecimentos tradicionais até então perseguido e negado pela escola. Os povos indígenas passaram, assim a demandar ao Estado o acesso a escola e a universidade como instrumento complementar a sua educação. De resistentes ou indiferentes, tornaram-se protagonistas na luta pelo acesso a instituição de ensino (LUCIANO, 2013, p. 44).

É evidente que tal instituição escolar vem atender as demandas dentro e fora da comunidade, isso é visível quando os movimentos indígenas reivindicam diante do estado. Tal proposição na criação de políticas públicas voltadas as comunidades indígenas, seja na educação, saúde, produção, cultural, de uma forma geral a sustentabilidade das comunidades indígenas, esta atrelado a uma demanda ampla da política brasileira.

Historicamente indígenas se via obrigados a negar sua identidade, isto ocorria devido aos fortes preconceitos contras eles, a negação da identidade se justifica com uma forma de sobrevivência. Luciano (2006, p. 33) fala do orgulho de ser índio, ser nativo de ser originário fortalecendo assim a identidade indígena.

A leitura que me proponho a fazer busca de outras maneiras, entender não só o processo histórico dos povos indígenas, mas também, suas proposições, a participação dos povos indígenas protagonista na construção e formação do estado brasileiro.

Ao falar de escravo de, o poeta Aimé Césaire evidencia a sua presença na civilização que o nega, mas que foi construída justamente sobre sua existência e o seu trabalho. A epígrafe deve aplicar-se com muita propriedade à população autóctone deste país, aos indígenas e seus descendentes, que concorreram com as riquezas de suas terras, seu sangue e seu conhecimento para a construção desta nação (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 18).

Pois não é negável, ao dizer que tal consequência é desconhecida pela sociedade brasileira, como bem sabemos, as ideias eurocêntrico são usados como instrumento abafador, uma forma da não aceitação e negação de outras formas de vidas serem legítimos donos desta terra a milênios de anos.

Cabe dizer que tal proposição contribuirá para outros olhares, sobre a história e construção da nação brasileira, quando digo que meu olhar parte dos princípios Terena, estou dizendo, que também passo por um processo de desconstrução e reconstrução de identidade enquanto militante.

### 1.3 Procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa

Fator que me leva a interessar por este tema é a convivência diária com a comunidade, por pertencer a esta terra indígena Tereré Buriti Sidrolândia - MS, e estar diretamente ligada aos movimentos indígenas e reivindicando direitos nas áreas de educação e cultura, saúde e território. Desse modo necessitamos aprofundar os conhecimentos a respeito da educação escolar indígena para poder contribuir significativamente com a construção e afirmação da identidade étnica ajudando na conquista de direitos e na efetivação dos mesmos no âmbito escolar

A pesquisa tem como objetivo geral entender o protagonismo dos professores Terena da Aldeia Tereré Terra Buriti Sidrolândia MS, na construção do bem viver comunitário. Através dos Terena da Aldeia Tereré vamos conhecer a história dos povos indígenas do Brasil, porque somos parte dessa totalidade cuja heranças carregam marcas de nossos antepassados, protagonizamos e resistimos antes mesmo dos europeus aqui chegarem, em meio a tanto descaso da política brasileira, garantimos os nossos direitos que esta garantido na Constituição Federal de 1988.

Para isso é preciso construir e planejar os caminhos que irei percorrer, pois é preciso dar os primeiros passos. Fazer pesquisa com o próprio povo não será uma tarefa fácil, agora com um olhar de pesquisador, onde tudo antes era natural, dialogar sobre determinados assuntos, hoje como sujeito da pesquisa, da qual também faço parte, o planejar, o olhar, o sentir, o entender, o ouvir, o falar e o escrever, requer mais sensibilidade e concentração.

Para atender a proposta desta produção, “- realiza-se nossa *percepção*, será no escrever que nosso *pensamento* exercitar-se-à da forma mais cabal como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio da ciência voltadas à teoria social” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 18).

Confesso que foi um tanto difícil iniciar em meio a tantas dúvidas e incerteza sentia-me travado. Mas é preciso dar o primeiro passo, mesmo que errado, mas é preciso começar, por alguma coisa e outra não avançamos e muitas vezes tentativas que não geram resultados (DAL'IGNA, 2011, p. 53).

Os objetivos específicos que se propõem são: a) Caminhos pela da escolarização dos Terena da aldeia Tereré; b) Compreender como o estreitamento das relações entre professores e lideranças políticos tradicionais contribuiu para as retomadas da terra e a conquista da escola ; c) Identificar as marcas e as mudanças para a educação escolar indígena

na Aldeia Tereré a partir da inserção dos professores no movimento de retomadas como instrumento necessário ao bem viver.

Para isso, meus caminhos estarão sobre o aporte teórico metodológico da pesquisa com caráter qualitativo, foi realizado por meio da técnica de diário de campo, história oral, entrevistas, análise documental e bibliográfica. Ainda realizei observação e diálogo em rodas de conversas, uma vez que estes procedimentos são mais adequados a minha realidade e a realidade da comunidade, ou seja, uma vez que os povos indígenas não usou a escrita como método de ensino, e sim a história oral e atividades práticas no dia-dia como métodos ensino aprendizagem. Ainda hoje as coisas acontecem é nas rodas de conversas de forma espontânea.

Quanto à escolha metodológica da técnica de diário de campo, não porque foi uma opção do autor, mas até pela importante orientação que tive no PPG-UCDB, uma vês que o próprio autor não é neutro e, faz parte do processo como objeto da própria pesquisa, e por estar em vários espaços da Aldeia, a identificação com o método logo veio um sentimento de conforto.

Por onde eu estava nos espaços da aldeia, meus sentidos e habilidade como: o olhar, o ouvir, o sentir, o expressar me permitia registrar tranquilamente. Quanto a técnica de diário de campo:

O diário de campo, enquanto técnica de pesquisa, foi utilizada inicialmente pela Antropologia, classicamente representada pelo antropólogo Bronislaw Malinowisk, o primeiro a sistematizar as observações realizadas em suas pesquisas etnográficas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 76).

Não quero definir como o melhor procedimento metodológico, mas pela sua propositura de estabelecer privilégios, de estabelecer maior contato e interação com o sujeito da pesquisa. Como sujeito da própria pesquisa, estou em todos os lugares da aldeia, ouvindo ou falando, em casa, nos vizinhos, nas reuniões, na escola no posto de saúde, nas atividades recreativas como no campo de futebol, nas rodas de Tereré, estamos sempre em grupo, consiste na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetivam produzir dados a partir do diálogo.

Para produção de dados foi respeitada os diferentes sujeitos da pesquisa: tais como professores, lideranças da aldeia, alunos e alunas, pais e mães de alunos, moradores da aldeia, anciãos e anciãs. Sempre estava ali com meu caderno fazendo anotações do que eu ouvia e presenciava alguns fatos, tudo isso foram importantes para a construção desta pesquisa.

Com os professores as produções de dados foram nas reuniões da escola nos encontro da Ação Saberes Indígenas na Escola Indígena, onde professores produzem materiais didáticos para as escolas indígenas, considero esse espaço de suma importância, porque o discurso dos professores aflora naturalmente, também nas salas de aulas em contato direto com os alunos podendo esse ser um lugar privilegiado.

A escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo, participa do evento Ação Saberes Indígenas na Escola, onde é realizado encontros de professores semanalmente, com objetivo de produzir materiais didáticos para a escola, sendo esses encontros importante para o dialogo e observações na qual também faço parte como professor pesquisador da Ação.

[...] não importa o método para chegarmos ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber as relações entre o saber e poder. Os ‘Novos olhares’ dizem respeito, exatamente a essa nova – e talvez seja melhor dizer incomuns – formas de conceber um tema como problema de investigação (COSTA, 2002, p. 16).

Brand (2000, p. 196), destaca a importância e o crescente número de pesquisa feita na área de história, que utiliza como recurso metodológico as técnicas de história oral. Por este entende-se como técnicas de registros e interpretação da evidências orais ou das memórias individuais ou coletivas, transmitidas oralmente.

Sobre o uso de metodologias de história oral, dialoga com as correstes chamada “nova história” para fazer estudos antropológicos da terra indígena Buriti, mas alerta para:

Onde não há nada ou quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da reconstrução histórica. Elas não farão isso como se fossem fontes escritas [...]. As limitações da tradição oral devem ser amplamente avaliadas, de modo que ela não se transforme em um desapontamento, quando após longos períodos de pesquisa resultar uma reconstrução ainda não muito detalhada. Que se reconstrói a partir de fontes orais pode bem ter um baixo grau de confiabilidade, na medida em que não existem fontes independentes para uma verificação cruzada (AZANHA, 2005, p. 92).

Foi neste contexto de história oral que Azanha (2005), produziu o laudo antropológico da terra indígena Buriti, na qual também tive oportunidade não só de presenciar mais sim de acompanhar este estudo. Esses momentos também eram momentos de muitos aprendizados para as lideranças que ali acompanhavam o antropólogo, era um trabalho prazeroso, saíamos na parte da manhã e chegávamos à noite, exausto, porém com um repertorio de cheio aprendizados, o erudito e o empírico se completavam.



Segundo Ferreira, Fernandes, Alberti (2000, p. 31-45). A história oral é cada vez mais conhecida no campo acadêmico tradicional. Existem cinco desafios destacados de suma importância, um deles é de que a 10ª Conferência de História Oral foi realizada fora da Europa, sendo esta, realizada no Brasil, reconhecendo a contribuição da América Latina para história oral, referenciando *Los Hijos de Sanchez*, dos arquivos sonoros do Instituto Nacional de Antropologia do México e dos trabalhos feitos pela Fundação Getúlio Vargas no Brasil, lançado a partir de 1975, um grande programa de história oral. Alguns desafios estão inspirados em respeitar três fidelidades: ouvir a voz dos excluídos; trazer a luz à realidade indescritível; testemunhar as situações de extremo abandono.

Para Aschidamini e Saupe (2004) a análise dos dados deve ser feita levando-se em consideração o contexto social, visto que são dados potencialmente subjetivos. Acreditando no diálogo mútuo com os teóricos, será feita uma revisão bibliográfica no campo da educação escolar indígena, da antropologia e estudos sobre cultura e instrumentos legais que tratam do tema proposto.

## **CAPÍTULO 2**

### **A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ALDEIA TERERÉ**

#### **2.1 A busca da escolarização na aldeia Tereré: desafios e conquistas**

Começo esse capítulo escrevendo que, antes mesmo da promulgação da Constituição brasileira de 1988, indígenas reivindicavam diante do estado os direitos de viver conforme seus costumes e tradições, isto é, sempre viveram desta forma diferente de ver o mundo que o cerca. Com os direitos a essa diferença foram garantido na Constituição, justifica o desejo dos movimentos indígenas reivindicarem os direitos a educação escolar indígena diferenciada.

Os Direitos dos povos indígenas estão garantidos na Constituição Federal de 1988 nos Artigos 231 e 232; a Lei nº 9.394 LDB, Artigos 78 e 79; Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, dispõe sobre a educação indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais e das outras providências; também no cenário internacional no qual o Brasil é signatário a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT; a Declaração da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 13/09/2007, igualmente subscrita pelo Brasil, reconhece o direito desses povos às terras por eles tradicionalmente ocupadas, Carta da República, Documentos firmados pelo Brasil no âmbito internacional. Anterior a isso o que vimos foi o modelo de escola nos moldes dos ocidentais, uma escolar etnocêntrica, eurocêntrica, colonizadora.

No âmbito estadual temos a Lei nº 4.621/2014 aprova o Plano Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul; Deliberação CEE/MS nº 10.647, de 28 de abril de 2015. Fixa normas para oferta da educação escolar indígena no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul e dá outras providências; Resolução SEDMS nº 2.960, de 27 de abril de 2015 - Povos do Pantanal: define Diretrizes para a Educação Escolar Indígena do Território Etnoeducacional Povos do Pantanal.

Em âmbito municipal temos a Deliberação do CME Sidrolândia - MS de nº 51 de 11 de junho de 2015, que regulamenta a Educação Escolar Indígena no município, com base

legal nas deliberações estadual e nacional. Cabe ressaltar que tal deliberação foi resultado de muito diálogo entre as lideranças, professores comunidades indígenas do município mencionado acima e gestores municipais.

Porém, as legislações abrem possibilidades de construir outra educação escolar que valorize os saberes indígenas e os coloquem no cenário de visibilidade local, regional, nacional e acadêmica, considerando-os também como ciência e tecnologia - e, por que não, torná-lo universal? No contexto da Interculturalidade é possível colocar os diferentes saberes num processo de diálogo, de forma que correspondam às necessidades e expectativas dos povos indígenas locais ou regionais, inclusive com a inserção dos próprios indígenas como autores deste processo educacional, num processo de diálogo permanente na (re)construção ou reinvenção da escola, pois a legislação (SOUZA, 2010, p. 86-87).

Após a aprovação da deliberação no município houve certo conforto institucional para as escolas indígenas, no sentido do empoderamento e autonomia da organização da educação escolar indígena.

As definições da Constituição Federal de 1988 relativas aos direitos dos índios consolidaram os avanços alcançados junto ao Estado pelo movimento indígena, que desde a década de 70 se organizava na busca da afirmação dos direitos desses povos no Brasil. Os Arts. 231 e 232, respectivamente, “reconhecem aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” e que “suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses” rompendo definitivamente com o paradigma integracionista e a instituição da tutela (BRASIL, 2007, p. 26).

Como bem sabemos, foi uma grande batalha dos movimentos indígenas e indigenistas, foram anos de luta, para que se chegasse a um resultado satisfatório para as populações indígenas, pois seus direitos agora esta garantido. Porem, ainda não fosse o ultimo entrave, pois agora se inicia um novo embate, o de fazer acontecer, transformar a leis garantidas na Constituição agora em ações de políticas publica. É isto que buscaremos através desta pesquisa, a participação, do movimento indígena, das novas lideranças, e participação dos professores indígenas na efetivação desses direitos tendo o professor não como o único ator, mas que é parte desse processo de construção através da instituição escola.

A partir da Constituição Federal de 1988 a escola indígena passa ter a missão inversa da antiga ‘escola para índio’, a de contribuir para a continuidade histórica dos povos indígenas, étnica, cultural e fisicamente. O cumprimento dessa nova atribuição passa a ser o maior desafio da escola indígena contemporânea. Como transformar a antiga escola colonizadora e branqueadora de 500 anos em uma escola promotora das culturas, das

línguas, das tradições e dos direitos indígenas em diálogo com outras culturas, conhecimentos e valores? Esses direitos garantidos na lei representam uma importante conquista histórica dos povos indígenas e de seus aliados, resultado de muita luta e sacrifícios. É importante considerar a relevância dos direitos legais enquanto intenção, projeto ou meta a ser alcançada. O papel dos movimentos e organizações de professores e lideranças indígenas foi fundamental para o estabelecimento dos direitos e precisa ser também para sua efetivação nas práticas cotidianas nas escolas e nas aldeias indígenas (LUCIANO, 2013, p. 1)

Através das leituras de Luciano (2013), buscamos compreensão da importância da implantação da instituição escola dentro das aldeias, com o intuito de compreender os conhecimentos científicos sem desvalorizar os conhecimentos tradicionais. Requer uma reflexão sistemática e complexa, pois os povos indígenas significam uma diversidade imensa dentro do território brasileiro, pois a escola que queremos diz respeito exclusivamente à autonomia de cada povo indígena. Pois cada comunidade tem organizações próprias, cada uma com suas indignações, inquietações, produzidas historicamente nas relações entre si e com outros povos, trazendo consigo marcas coloniais. É importante lembrar que os povos indígenas passaram por vários momentos. No período colonial, as práticas educativas era negar as diversidades dos índios, aniquilarem a cultura e incorporar mão de obra e esta ligada intimamente à história da igreja no Brasil. Impuseram o ensino de língua portuguesa como meio de promover a assimilação dos índios a civilização cristã.

O protagonismo dos povos indígenas diante da sociedade brasileira resulta na sobrevivência e na existência da grande diversidade cultural do Brasil. Segundo Nilza de Oliveira Martins Pereira, pesquisadora do IBGE, em arquivo de vídeo do IBGE, fala da autodeclaração por indígenas entre os censos de 1991, 2000 e 2010. No censo de 2010, foram declaradas e identificadas 896 mil indígenas, 305 etnias ou povos e 274 línguas faladas (IBGE, 2017). Se comparados com o violento processo histórico que os povos indígenas foram vítimas, vamos ver que os povos indígenas assumem um papel importante nessa trama, protagonizando ao longo da história do Brasil luta pela resistência. O sonho que embala os anseios desse povo, que passa pela demarcação das terras, atendimento a saúde de qualidade e o empoderamento da educação escolar indígena resultando o bem viver das comunidades.

A criação do SPI em 1910, também marca a história da educação para índio no Brasil, o estado resolve fornecer uma política indigenista baseada nas ideias positivistas. O Serviço de Proteção ao Índio era responsável pela educação escolar nas aldeias, contratava os professores para atuar nas aldeias, muitas vezes eram as próprias esposas dos chefes de postos que atuavam na educação, muitos eram não índios, às vezes era contratado indígena para atuar

na educação. O ensino funcionava somente com as séries iniciais, se o indígena quisesse estudar mais teria que ir para a cidade.

Pois desde os anos 70, vem obtendo grandes avanços principalmente nas questões de Legislação, por outro lado se estas conquistas, o direito a educação diferenciada esta garantida na constituição, existem também os conflitos e contradições na efetivação desses direitos, sendo esses os desafios a serem superados (BRASIL, 1998, p. 11).

Para ampliarmos o debate e entender o porquê do movimento indígena do estado de Mato Grosso do Sul ser considerado fluente e participativo no processo de reivindicação dos seus direitos esta também relacionada à inserção destes nas universidades e voltando para suas comunidades trabalhando dentro da própria aldeia ou assessorado as lideranças tradicionais e políticas, isso é bem visível nos discursos dos acadêmicos indígenas nos encontros realizados todos os anos pelo Programa rede de Saberes, projeto da Fundação Ford em parceria de varias universidades do estado de Mato Grosso do Sul, UCDB, UEMS, UFMS, UFGD.

Outro fato é a compreensão e a valorização da riqueza cultural que os povos indígenas têm, para isso a presença de indígenas no estado de Mato Grosso do Sul é marcante, segundo Luciano (2006, p. 38) [...] “ser índio transformou-se em sinônimo identitário”. Seguindo do estado do Amazonas o Mato Grosso do Sul é o segundo estado da unidade federativa do Brasil, com maior população indígena e grupos étnicos. (NASCIMENTO; VIEIRA, 2011)

Da política colonial com visões etnocêntricas, classificados como primitivo e sem alma, aos arranjos de forjada ideias positivistas, os povos indígenas mantiveram resistentes por cinco séculos. Por muito tempo viveram calados, mas por muitos tempos foram compreendendo as outras formas de viver, a do homem branco. A política identitária essencialista aponta para algo pelo qual vale lutar, mas não resulta simplesmente em libertação da dominação.

A política da identidade não é uma luta entre sujeitos naturais, é uma luta em favor da própria expressão da identidade, na qual permanecem abertas as possibilidades para valores política que podem validar tanto a diversidade quanto a solidariedade (WEEKS, 1994, p. 12 apud WOORDARD, 2000, p. 37).

Os índios contemporâneos, com repertório cultural híbrido (CANCLINI 2003), o orgulho indenitário associado a um estágio de vida (LUCIANO, 2006), estão dispostos a

protagonizar outra nova história, não deixando de ser índio, mas sendo auto sustentável, política e social.

Nos encontros do (Fórum dos Cacique) organização indígena do estado de Mato Grosso do Sul formado pelas lideranças Tradicionais Caciques Terena e outra etnia e, em articulação com o movimento Atyguassu organização Guarani Caiowá, sendo estas instancia um espaço de organização indígena e de articulação política, essas instancia organizam assembleias para debater políticas: saúde, educação, território,

O Fóruns de educação é uma organização de professores indígenas do estado de Mato Grosso do Sul, cuja pauta da assembleias também é educação escolar indígena, nos debates também é elencados para as questões de território, saúde.

É comum ouvir dizer nesses encontros que desde o final da Guerra do Paraguai os indígenas não se reuniam em grandes assembleias. Isso também foi fator importante para as organizações dos movimentos indígenas no Mato Grosso do Sul.

Parece que de forma meio isolada, as comunidades começaram a se organizar, umas mais que as outras, mas todas as comunidades avançaram, meio que tímidas, só as lideranças, depois as mulheres, os jovens, a educação a saúde sempre em companhia dos anciões, dos rezadores, ao poucos foram ganhando corpo e consistência.

A busca pela escolarização da aldeia Tereré Terra Indígena Buriti Sidrolândia MS, passa por todas essas etapas, a principio o despertar, um diálogo consigo mesmo, depois dialoga com mais um e depois outros, precisamos de uma maioria com os mesmos ideais, só os professores sozinhos não é o suficiente. A vontade e o entendimento dos direitos tem que ser se não da maioria, mais de um número expressivo de pessoas, professores, lideranças pais e alunos. Porque haverá embate com poder público, pois eles dificultarão colocando obstáculos para a efetivação dos nossos direitos.

## **2.2 Caminhos para a criação da escola cacique João Batista Figueiredo**

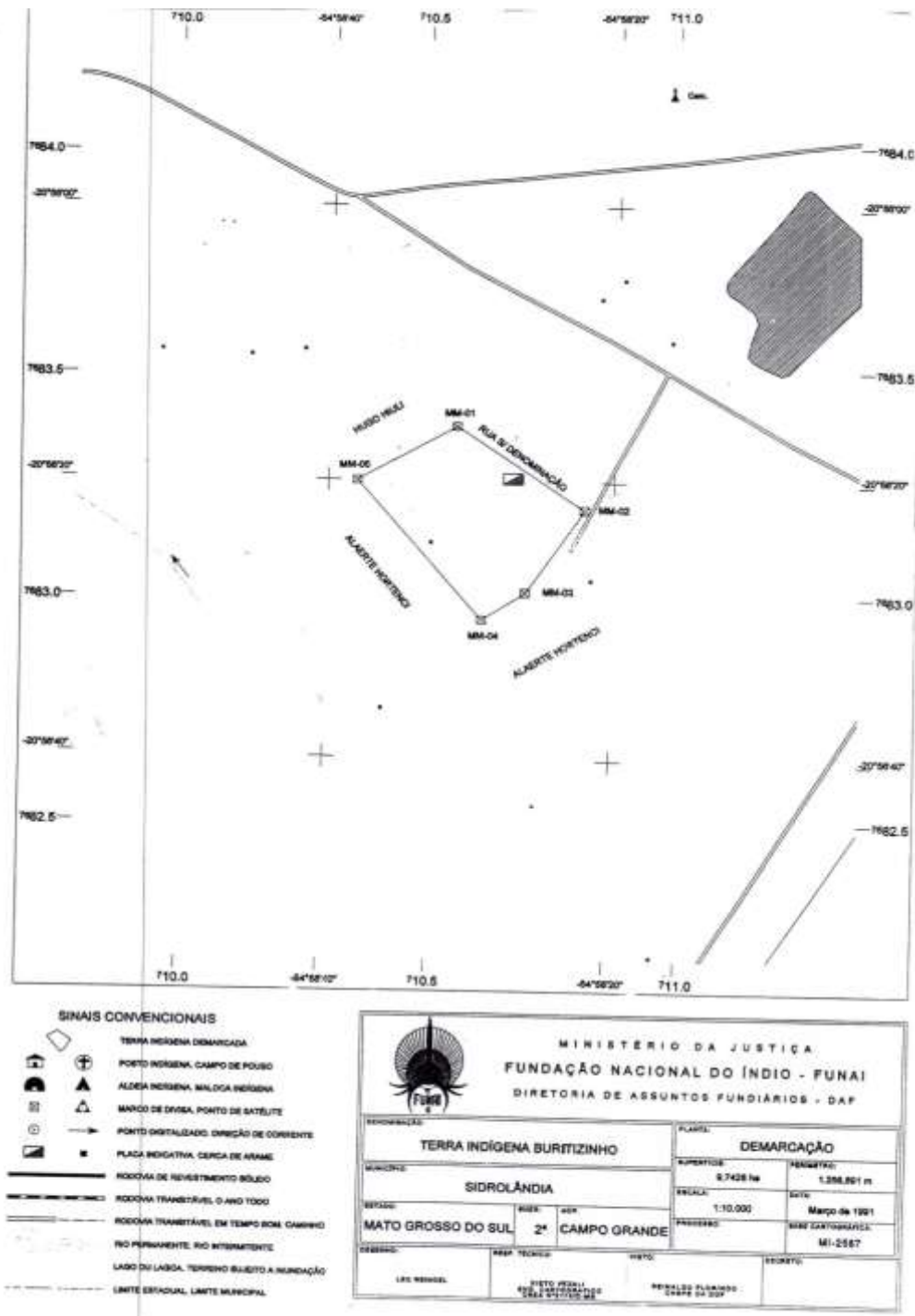
Nos anos 80, nasce a comunidade indígena Buritizinho, exatamente 36 anos de história, conhecida também como aldeia Tereré. Nasceu como tantas outras espalhadas por esse país, das necessidades por qual já vimos ao longo da história brasileira. Apresento aqui o depoimento do primeiro morador da Aldeia Tereré, Capitão por um longo período na Aldeia Buriti, e depois consequentemente na Aldeia Tereré. Hoje um ancião muito respeitado, João

Figueiredo Filho, filho de João Batista Figueiredo, uma entrevista da inauguração da escola Indígena “Cacique João Batista Figueiredo”:

[...] bom dia meus irmão. Bom, aqui foi um sofrimento de vinte cinco e trinta anos atrás, quando chegamos aqui, aqui era um mato, chegamos aqui entre quatros irmãos, cada um com sua família, o Sebastião também o Neto também, nos não tinha água, não tinha luz, nos compra aqui no seu Zé baiano dono de um boteco, comprava a prazo, eu fui sustentando isso, eu fui cacique, e estou aguentando ate hoje junto com meus irmãos lutando essa vida, só quero agradecer a Deus a toda minha família, inclusive estou emocionado porque perdi uma cunhada minha, que ajudou lutar aqui, comemos pau e pedra aqui junto às quatros famílias, meu pai hoje esta de baixo da terra minha mãe, mais estou feliz, ta meus sobrinhos ta tudo junto comigo, e essa escola aqui é um pensamento que nos tive anos atrás que pra meus sobrinhos estudar as minhas netas os meus netos, eu estou muito feliz, e agradeço muito o prefeito, [...] que fez todo esse esforço por nos.

A Aldeia Tereré, nasce para atender a necessidade, não somente da época por qual estava passando, mas já era visível para os indígenas que o futuro dos Terena estava na decisão do qual eles teriam que tomar, os terenas estavam naquele momento buscando outras formas de vida, pois os Terena já haviam passado por isso em outros tempos, a abertura para o exterior possibilitou a adaptação em situações diversas. (AZANHA, 2006).

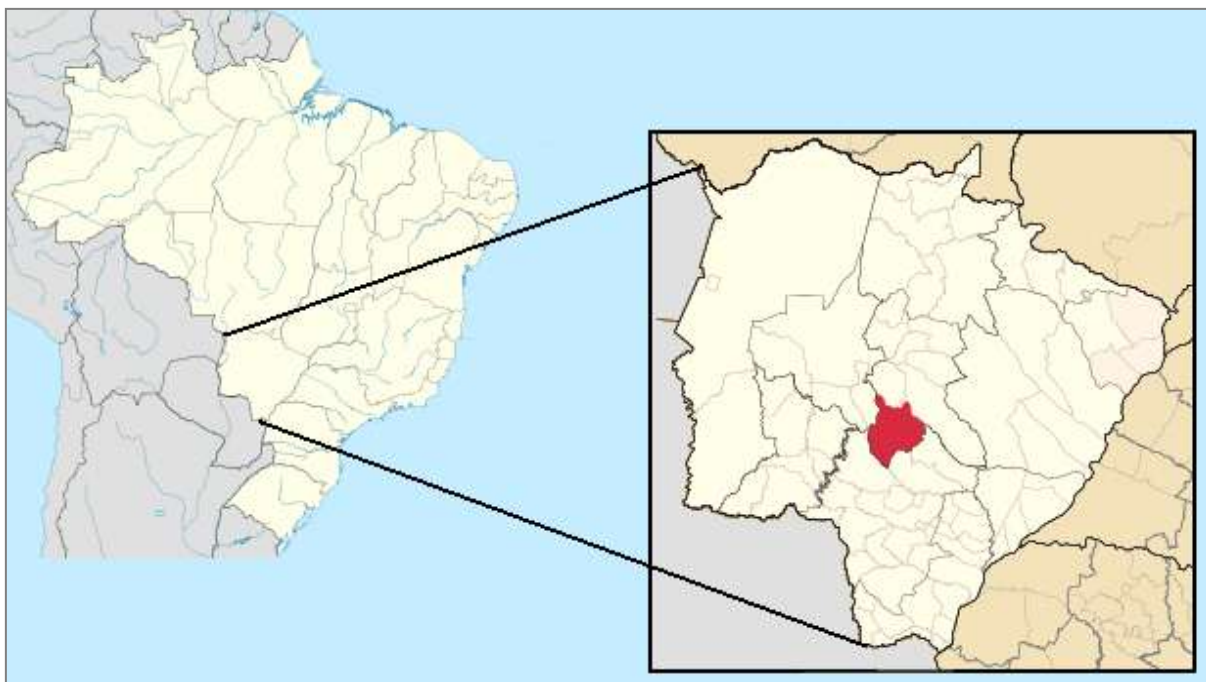
A Aldeia Tereré nasceu no ano de 1980, mas somente em 1991 a área é homologada como Terra Indígena (documento em anexo). Cresceu e tem organizações próprias conforme os costumes e tradição do povo Terena.



**Mapa 1** - homologação da Aldeia Tereré Terra Indígena Buriti, Sidrolândia MS.  
**Fonte:** arquivo do autor, s/d.

A mesma está inserida na Terra Indígena Buriti, junto com outras onze aldeias: Aldeia Buriti, Aldeia Água Azul, Aldeia Recanto, Aldeia Oliveira, Aldeia Olho D'água, Aldeia Córrego do Meio, Aldeia Lagoinha, Aldeia Tereré, Aldeia Nova Buriti, Aldeia Dez de Maio e Aldeia.





**Mapa 2** - Localização do município de Sidrolândia no estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil.

**Fonte:** Disponível em: <<http://tepirata.blogspot.com.br/2011/02/discordia-religiosa-em-ms.html>>. Acesso em: 08 out. 2016.

No mapa 2 visualiza o território brasileiro, o estado de Mato Grosso do Sul e o município de Sidrolândia MS.

A Terra indígena Buriti está localizada em dois municípios: município de Dois irmãos do Buriti, e município de Sidrolândia.

A Figura 2 mostra através da visão de um artista popular da Aldeia Nova Tereré o lugar onde moro onde vivo o meu palco, onde protagonizo todos os dias Aldeia Tereré, Sidrolândia MS, Brasil.



**Figura 2** - Localização da Aldeia Tereré e Nova Tereré - Sidrolândia-MS.

**Fonte:** Arquivo do artista Terena Marquinho Basílio (2016).

Áreas indígenas do município de Dois Irmãos do Buriti são: Aldeia Buriti, Aldeia Água Azul, Aldeia Barreirinho, Aldeia Oliveira, Aldeia Recanto, Aldeia Olho D'Água, Aldeia Nova Buriti, todas estão localizadas na área rural. Áreas indígenas do município de Sidrolândia são: Aldeia Córrego do Meio, Aldeia Lagoinha, Aldeia Tereré, Aldeia Dez de Maio e Aldeia Nova Tereré. Sendo que Aldeia Córrego do meio, aldeia Lagoinha, Aldeia Dez de Maio estão localizadas na área rural e, Aldeia Tereré e Aldeia Nova Tereré localizadas na área urbana.

A história da criação da aldeia Tereré esta ligada com a educação e a construção da estrada de ferro no município de Sidrolândia MS, os Terenas da Terra Buriti, já se deslocavam para Sidrolândia - MS, para comercializar os produtos que cultivavam nas roças como: mandioca, milho, batata, feijão. O transporte usado naquele tempo para chegar até a cidade de Sidrolândia - MS era carreta de boi, demorava em chegar à cidade em função da estrada que era muito ruim.

Como precisavam ficar por alguns dias, até vender seus produtos, os indígenas se abrigavam neste um espaço onde futuramente será a aldeia Buritizinho (Tereré). Nesse período, como os indígenas já se estabeleciam no local, Sidrônio Antunes de Andrade declarou terra de propriedade indígena, uma área de dez hectares.

A história nos mostra com base nos relatos do meu tio Sebastião Figueiredo, Filho de João Batista Figueiredo, uma busca em sua memória nos revela que, o nome Tereré surge no momento em que a família Figueiredo chega em Sidrolândia MS, informados de que os mesmos possui um terreno de 10 hectares, porém não sabiam onde era o local, procuraram alguém para dar informação. Havia em Sidrolândia um senhor conhecido como Zé Baiano, amigo de João Batista Figueiredo, e por ser naquela época pequena conhecia toda população sidrolandense, logo foi mostrando para meu avô e meus tios onde era a área que Sidrônio Antunes de Andrade tinha deixado para eles, e que poderiam escolher o lugar, se queriam a parte da frente ou a parte do fundo, logo meus tios forma trocando de ideia, e concluíram que o melhor lugar era na parte do fundo, porque a cidade ia crescer. Pois ainda haveria embate, estava iniciando na época a construção de um conjunto habitacional cujo nome “Tereré”. Foi construído cerca de arame para delimitar as áreas do conjunto habitacional e da aldeia, a idéia era que os indígenas não tivesse passagem pelo conjunto habitacional. Os conflitos aconteceram, meus tios cortaram o arame, a policia foi acionada, para repreender os Terena, a resistência acabou ganhando. Mais tarde, quando os netos foram crescendo formaram uma equipe de futebol, dando nome a equipe de Tereré. O time de futebol ficou conhecido na cidade, ganhando espaço no esporte de Sidrolândia MS, atletas indígenas foram revelados dentro e fora do estado, em grandes clubes brasileiros e em Portugal.



**Imagem 1** - Equipe de futebol da Aldeia Tereré.

**Fonte:** Acervo do autor (2016).

Capitão Santo ao mudar de vez da Aldeia Buriti para a Aldeia Tereré lembra que matriculou seu filho mais velho na escola em Sidrolândia. Baseado neste fato, fomos investigar, e descobrimos que o primeiro aluno matriculado na escola da cidade foi Adão Figueiredo, matriculou-se na Escola Estadual Sidrônio Antunes de Andrade no ano de 1980.

Adão Figueiredo, terminou o ensino médio, teve que ir trabalhar nas fazendas, pois naquele momento teria que ajudar na manutenção da família, não tinha muito emprego na cidade. Hoje incentiva seus filhos e netos para estudar, porque entende que através da educação podemos ter melhores oportunidades de emprego.

Um dos pressupostos considerados foi o de que os povos indígenas tomaram a decisão histórica de que os ideais de vida moderna ser referência preferencial para construir os seus projetos presentes e futuros de bem viver. Refiro-me a vida moderna, isto é, aquelas resultantes dos benefícios das ciências e das tecnologias atualmente acessíveis. A escola é um instrumento para garantir o acesso a esse mundo desejável, o que não implica substituir ou desvalorizar os conhecimentos tradicionais, que continua a ser referência identitária e base de direitos, mas não horizonte ontológico e cosmológico da vida. O desafio, portanto, não é querer mais escolas e sim definir como elas devem ser para que possam atender as demandas dos povos indígenas. (LUCIANO, 2013. p. 24)



Alves (1994, p. 13) ainda completa dizendo da ineficiência da escola, não pela falta da sabedoria, mas acabada pela ignorância da inteligência, cujas metodologias são preparar o aluno e jovens para atender regras sociais do estado e do capital.

Sendo assim, as famílias que formam hoje a aldeia Buritizinho (Tereré), são oriundos da aldeia Buriti. Em busca de dar continuidade de estudos para seus filhos e trabalhar na cidade a família Figueiredo foram os primeiros indígenas a construir a aldeia.

A princípio cria o projeto de “hikaxokonoti” entende-se “Ihikaxo” - lugar/espaço, Konoti - aprende/ensina a ser criada na Aldeia Tereré, surge com o “Curso de Ensino de Língua Terena” com a Portaria nº 003, de 10 de novembro de 1995 da Secretaria de Educação e Cultura do município de Sidrolândia - MS.

O nome da escola é em homenagem ao Senhor João Batista Figueiredo, criador da aldeia Tereré.



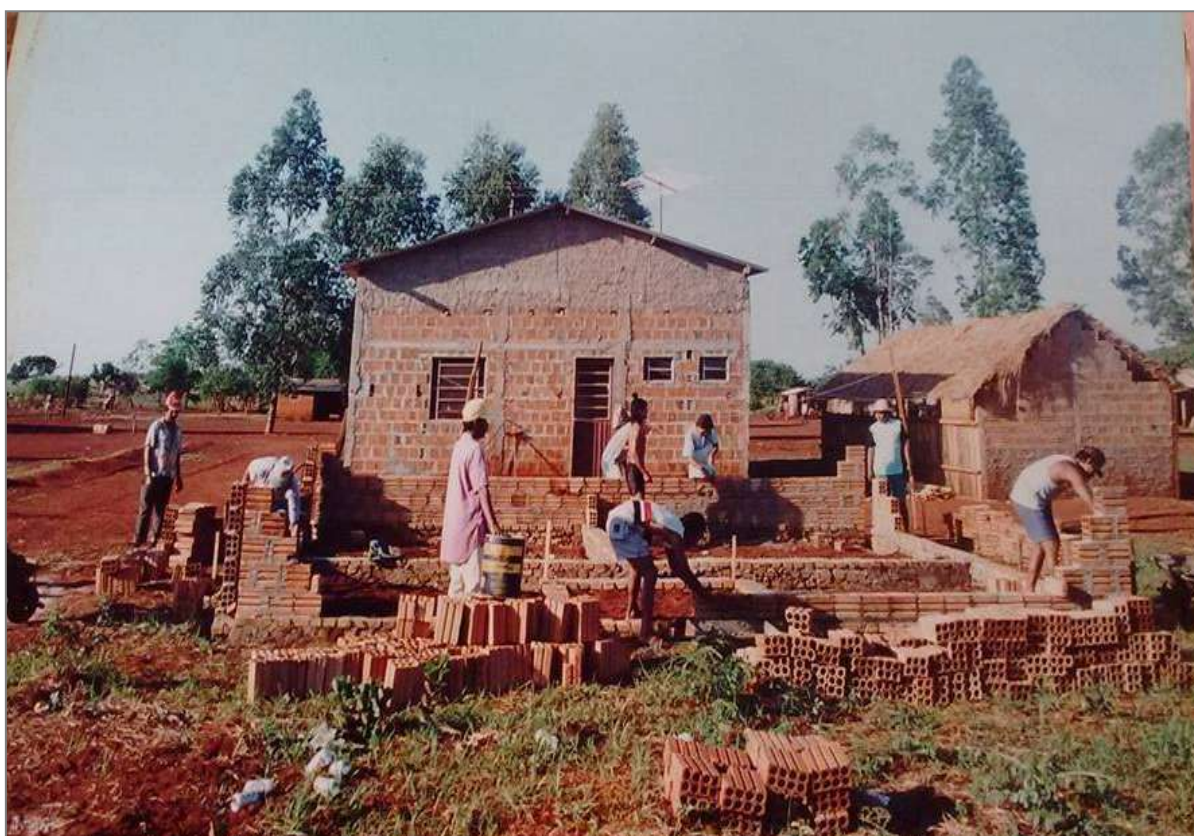
**Imagem 2** - João Batista Figueiredo.

**Fonte:** Acervo do autor (s/d).

A imagem acima é de João Batista Figueiredo, esposo de Dona Flaviana Alcântara, esta aí os responsáveis por essa busca da escolarização, ambos foram os primeiros a morar na aldeia Tereré, juntamente com seus filhos e netos, iniciava aí uma longa

caminhada pela escolarização, o sonho de melhores condições de vida atribuída à escola, o nome da escola é em homenagem a esse grande líder.

Como mostra a foto a seguir, a construção da escola conforme criação neste edital, o salão a esquerda construída com ajuda de voluntários, através de um trabalho de parceria da igreja católica com médicos e políticos do município de Sidrolândia MS. A construção a direita da foto é a sala de aula onde crianças e adultos poderiam estudar a língua Terena, a primeira professora de língua Terena foi a Senhora Maria de Lourdes, vinda da aldeia Cachoeirinha do município de Miranda MS, através do convite do Frei Alfredo Esganzella naquela época representante da igreja católica em Sidrolândia MS.



**Imagem 3** - Mutirão construção do centro comunitário, da escola e da casa de professores.

**Fonte:** Acervo de João Batista Figueiredo Neto (s/d).

A Imagem 3 mostra trabalhadores Terena em mutirão, construindo a casa dos professores, no fundo a esquerda o centro comunitário, no fundo a direita sala de aula.

Em 22 de julho 1996, é criada a Escola de 1º Grau Cacique João Batista Figueiredo, aprovado pelo Decreto nº 564, de 08 de junho de 1992. Este decreto aprova o estatuto do índio. A escola então criada era subordinada a Campo Grande, no Estado de Mato

Grosso do Sul e assinada pelo então Presidente da FUNAI/DF Brasília Julio Marcos Germany Gaiger.

Em 24 de junho de 1997, através do Decreto nº 056/97, Dispões sobre a criação da Extensão Escola Cacique João Batista Figueiredo, artigo 1º - Fica criada a sala de aula Cacique João Batista Figueiredo como extensão da Escola Municipal de Primeiro Grau Indígena Cacique Armando Gabriel (Polo).

O fato de ser extensão incomodou por muito tempo lideranças, pais e professores da aldeia Tereré, era uma constante busca pela emancipação dessa escola, varias inquietações moviam a busca pela autonomia e política escola, para isso a participação de professores, lideranças pais e alunos nos movimentos e fóruns de educação escolar indígena em 2014 realizada na Aldeia Tereré foram importantes para consolidar o projeto de construção e criação da Escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo. O movimento proporcionou também a formação destes para a compreensão dos direitos relacionados à educação intercultural.

A Escola funcionou desde 1997 até o ano 2015 em prédio construído e cedido pela comunidade, uma sala de aula coberta de capim funcionava como sala de aula, depois funcionou no centro comunitário onde também eram realizadas as missas da igreja católica. Neste período a escola atendia alunos do primeiro ao quinto ano em turmas multianuadas, ou seja, duas séries na mesma sala, com o passar dos anos os números de alunos foram aumentando e foi necessário ocupar outros espaços dentro da própria comunidade para receber os alunos não somente da Aldeia Tereré, mas também da recém-criada Aldeia Nova Tereré, e para isso foi usado como sala de aula uma cozinha da Casa da Cultura Flaviana Alcântara na qual eram atendidos alunos no período matutino e vespertino.



**Imagem 4** - Centro Cultural “Flavia Alcântara Figueiredo” Aldeia Tereré, onde funcionou como sala de aula.

**Fonte:** Acervo do autor (2016).

É importante ressaltar a participação da aldeia Nova Tereré Sidrolândia - MS, na busca da construção da escola, com participação das lideranças e moradores. Em diálogo com o Cacique *Carlinhos Basílio*, o mesmo fala sobre a importância da construção da escola, uns dos seus relatos esta relacionado aos preconceitos que os alunos da Aldeia na qual representa sofre, ouve momento que alunos da sua comunidade não podem entrar na escola da cidade porque estava com os calçados sujos de barros, o cacique ainda relata que nos período de chuva a um crescente número de falta dos alunos.

No ano de 2012 foi solicitada a presença do MPF/MS, para testemunhar o descaso que estava acontecendo na escola Cacique João Batista Figueiredo, onde pais, alunos, lideranças e professores não aguentavam mais a situação que se encontravam seus filhos estudando em condições precárias, o MPF/MS juntamente com a comunidade foi importante para o sucesso da reivindicação da escola.

O depoimento de um pai de aluno “não quero mais que meu filho estude dentro de uma churrasqueira”, esse depoimento muito presente e forte na fala dos pais, que não aguentava mais tantas promessas não cumpridas por parte dos gestores municipais. A comunidade, juntamente com seu representante, buscavam cada vez mais caminhos que asseguravam tal direito da educação diferenciada, nos caso aqui a construção da escola.



E com isso viu-se a necessidade de ir a busca da construção da tão sonhada escola para a comunidade indígena da Aldeia Tereré, que almejava durante uns vinte anos. Ainda no final de 2012, a costura e negociação no campo político partidário, um compromisso com aquele que futuramente seria o prefeito de Sidrolândia - MS. Seus compromissos feitos em campanha ainda anunciavam um embate de resistência por parte da gestão pública, no ar estava um clima de tensão, pois a comunidade estava certa dos seus propósitos, estava por vir um novo embate entre moradores da Aldeia Tereré e gestores do município de Sidrolândia MS. Uma vez que já passaram dois anos de mandato e os gestores não davam o menor sinal da construção da escola. A comunidade entra em cena mais uma vez. Reunidos decidimos que o ano letivo de 2015 não iria iniciar suas atividades, porque as aulas ficariam suspensas até a última ordem da comunidade. A palavra de ordem era “*chega de maquiagem na nossa escola*”, pois todos os anos os gestores municipais, jogavam uma tinta nas paredes onde eram as salas de aula, não queríamos mais isso.

Bom, fomos até a prefeitura percebemos a presença do prefeito, e estávamos decididos, entrar no gabinete do prefeito e sair de lá somente com a ordem de serviço. Eu entrei primeiro, logo entrou mais um, e a sala do prefeito estava tomada por nós. Ouve uns bate boca, entre os funcionários da prefeitura e militantes indígenas. Houve por parte dos gestores um anúncio da presença da polícia para retirar os indígenas do gabinete. Essa ideia equivocada por parte do gestor de chamar polícia não foi bem sucedida. Logo foi confrontado pelo movimento, onde diziam: “não somos bandidos criminosos, somos pais de alunos, somos cidadão em busca de direitos, não chama só a polícia, chama também a imprensa”. O Terena mostrou resistência mantendo firme nos propósitos na qual buscava.

Nesse momento eu assumia o papel de articulador, convencendo o gestor e seus assessores de que os Terena deixava seu gabinete, mediante compromisso lavrado em ata, determinamos tempo para o início dos trabalhos, elaboração de projeto, licitação e início da obra. O projeto arquitetônico da escola foi desenhado por nós mesmo.

Depois de muitas promessas finalmente a comunidade indígena da Aldeia Tereré conquistou a construção do prédio próprio, a escola. A qual foi construída durante o ano de 2015, com recursos próprios da prefeitura municipal de Sidrolândia - MS.

Aqui mostramos o quanto é importante cidadão ter conhecimentos dos seus direitos, comunidade organizada são cidadão que o estado não cala, não são pessoas alienadas, registrar esse momento é tão gratificante e importante para as futuras gerações da aldeia Tereré Sidrolândia - MS, e para outras comunidades. Isso mostra quanto os povos indígenas estão resistentes, após cinco séculos de imposição, protagonizamos momentos

históricos do orgulho de ser índio, como mostra a Imagem 5, o orgulho e a satisfação do quanto é importante e vale a pena lutar pelos direitos adquiridos.



**Imagem 5** - Início da obra (2015).

**Fonte:** Acervo do autor (2015).

Dia dezesseis de fevereiro do ano de 2016, a comunidade indígena Buritizinho (Aldeia Tereré), celebra a inauguração da escola Cacique João Batista Figueiredo, isto representa um momento importante na história da aldeia Tereré Terra Indígena Buriti Sidrolândia MS, significa um avanço na estrutura escolar. É muito importante registrar esse momento histórico da comunidade, porque, sei do processo que caminhamos, de cada etapa para que chegássemos ao projeto final, que foi um tanto conturbado. Houve embate entre o poder público e a comunidade, outra conquista importantíssima também aconteceram, a Escola Cacique João Batista Figueiredo deixou de ser extensão da Escola Cacique Armando Gabriel, tendo sua própria gestão, ou seja, foi emancipada, pois não basta ter lei, não basta saber das leis, ainda é preciso partir para o embate.

Sei que cada um cumpriu com seu papel, aos professores estudar as leis e informar a comunidade, pais, lideranças e alunos, as lideranças o entendimento e a cumplicidade de atuar juntos, ao aluno à força juvenil com a vontade e a esperança de que os povos indígenas ainda irão resistir, A parte estrutural da escola Contem 04 salas de aula, 01 saguão coberto, 01 sala para os professores e direção, 01 banheiros para os professores, 02 banheiros (masculino/feminino) para alunos e alunas, 01 cozinha.

O resultado do protagonismo dos professores Terena da Aldeia Tereré em articulação com lideranças tradicionais e pais de alunos e alunas foi importante para a realização e consolidação da construção da escola e de autonomia, não que esse seja o mais importante para que a escola diferenciada aconteça, mas é um dos que resulta o sentimento bem estar, para a funcionalidade dos trabalhos, que não deixa de ser o bem viver.



**Imagem 6** - Obra concluída, Escola Indígena Cacique “João Batista Figueiredo”.

**Fonte:** Acervo do autor (2016).

A Escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Sidrolândia. Foi criada 17/08/2015, como “Escola Municipal Cacique João Batista Figueiredo” e pelo Decreto Municipal nº 120//98 recebeu a atual denominação. Foi autorizado seu funcionamento do pré à 9º ano pela Deliberação CEE nº 1589 de 11/06/87, o Ensino Fundamental foi reconhecido pela Deliberação da CEE nº 5953 de 17/11/2000. A escola está situada na Rua Guarani s/n, na Aldeia Tereré. Pautado nos princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, oferece a Educação Infantil Pré I e Pré II, e o Ensino Fundamental desde o 1º Ano até o 9º Ano.

A equipe técnica da Escola é formada pela diretora formada em pedagogia, pós-graduada em Arte em Educação e História e Culturas dos povos indígenas, concursada no cargo de professor de educação infantil, Professor Coordenador com formação em Pedagogia,

secretária com formação em administração, auxiliares de serviços gerais, duas funcionárias concursadas ASG, porém readaptadas, uma funcionária concursada como merendeira, um assistentes de atividades educacionais, para atender os alunos com Necessidades Especiais em sala de aula, um vigia noturno, quatorze professores contratados, dois professores concursados. A infraestrutura física, tecnológica e didática para a operacionalização das etapas, o prédio da Escola é próprio, as salas de aula é compostas por mesas e cadeiras individuais, uma sala para Diretor, professor, coordenador e secretária, um computador para todos, uma televisão, um aparelho de DVD.

Todos os professores têm formação superior, graduados e licenciados em pedagogia. A formação desses professores não é de cursos específicos, como Povos do Pantanal, Prolindi, normal médio entre outros cursos específicos para atender comunidades indígenas do Etnoterritório Povos do Pantanal. São professores formados nas universidades como: UMES, UCDB, UFMS, que por muitas vezes essas universidades ainda não oferecem em suas grades curriculares espaço para o diálogo de educação escolar Indígena, a propósito algumas estão ressignificando seus currículos para atender essa demanda de acadêmicos indígenas que é crescente nos últimos tempos.

A escola ainda não criou a Associação de Pais e Mestres (APM). A APM é uma instituição jurídica organizada e representada pela comunidade escolar, ou seja, por pais, professores, funcionários da escola, alunos. E tem como finalidade receber recurso do poder público, municipal, estadual e federal, para manutenção da escola, possibilitando transparência na gestão do recurso.

A escola funciona no turno Matutino e Vespertino, sendo o número de alunos compatíveis com o tamanho de salas. Atende alunos com necessidades educacionais especiais. As dependências da escola são arejadas e há iluminação natural, completada com ar artificial, ou seja, ventiladores de teto.

A escola não é cercada e seu espaço físico é suficiente para recreação. Os materiais didático-pedagógicos, bibliográficos e recursos audiovisuais estão compatíveis com a Proposta Pedagógica da Escola e ficam dispostos na sala dos professores/coordenação.

A demanda de alunos, regularmente matriculados na escola, destaca 240 alunos do pré ao 9º Ano do Ensino Fundamental. A Educação Básica é organizada em etapas: Educação Infantil e do Ensino Fundamental nos anos iniciais e nos anos finais, cujas turmas estão distribuídas nos turnos: Matutino e Vespertino.

A escola também atende alunos que residem nos bairros próximos da aldeia Tereré. Ao iniciar o letivo de 2016, houve uma grande procura de vagas para matricular esses

alunos, pois no ato da matrícula as mães ou os pais perguntavam, como era a escola, qual era o tipo de ensinamento que seus filhos iriam ter. Ainda tentando construir um discurso satisfatório para esses pais e mães de alunos e alunas, pois a educação escolar indígena ainda é um mistério, sabíamos que não queríamos mais aquele modelo escola tradicional, conservador e cartesiano, não queremos mais escola que omite, não queremos escola com ideias coloniais e etnocêntricas.

Pois, não conseguimos construir o discurso para satisfazer pais ou mães de alunos não indígenas, a resposta estava dentro de cada um (a) deles (as), cada pais e mãe de aluno tem suas necessidades, suas preocupações com seus filhos, a melhor resposta veio delas. Uma mãe de aluno escreveu uma carta a um professor da escola indígena Cacique João Batista Figueiredo, que apresentarei no próximo capítulo (item 3.1).

### **2.3 De fora, mais com saberes de dentro: A escola na aldeia Tereré e suas práticas de resistência**

Neste item temos alguns pontos importantes no que se refere educação escolar indígena, mas é preciso refletir sobre esse assunto. Segundo Luciano (2005, p. 108), a escola foi criada como um instrumento sociopolítico de reprodução da sociedade europeia religiosa e em processo de industrialização, expansão marítima e domínio imperialista. Como fazer uma educação escolar indígena diferenciada com princípio étnico? Se os professores foram formados nessa escola colonizadora, com imposições da catequese com princípios eurocêntricos? Essas perguntas ajudarão responder um pouco, do que se espera dessa escola para as práticas de resistência.

Observando esses avanços tidos em relação à educação escolar indígena no tocante as leis que a asseguram, é que nos propomos investigar o processo histórico da educação escolar indígena, analisando a formação dos profissionais de educação que atuam nessa área, na escola Cacique “João Batista Figueiredo”, observando para a organização das instituições de ensino nas quais serão realizadas a pesquisa, verificando se esses direitos são postos em práticas.

– No primeiro ponto está no discurso dos movimentos indígenas, não se faz educação escolar indígena sem professores indígenas, isso já é algo muito importante, na maioria das comunidades indígenas isso já é uma realidade, os professores não índios aos poucos foram sendo substituído. Isso aconteceu até por parte das reivindicações das próprias

lideranças, reivindicaram os espaços de ser professor para por professores indígenas. É claro que a inserção dos indígenas nas universidades foi importante para esse novo contexto, mesmo que não formava para atender para a diferença, o título de graduação para os indígenas provocou uma atenção para o novo momento, os indígenas reivindicava seus espaços nas escolas indígenas até então negados por não terem formação.

Mas será que, basta ser indígena para ser bom professor na escola indígena? Essa pergunta um tanto provocativa, mas tão importante para uma reflexão. Sobre a ótica de um professor militante sobre as questões indígenas, em outros tempos poderia dizer que sim, uma vês que o professor branco (purutuia<sup>5</sup>) em sala de aula nas escolas das aldeias, trazia muito forte consigo as marcas do colonialismo. Hoje, refiro-me sobre a política branqueadora de estado, integracionista/desenvolvimentista, através das Missões, SPI, FUNAI, pois há bons professores brancos comprometido com a educação da diferença que podem fazer a diferença nas escolas não indígenas e nas escolas indígenas

Durante muito tempo os povos indígenas brasileiros viveram em regime de servidão, forçados a aderir uma cultura que os colonizadores europeus julgavam ser superior, tendo seus hábitos, costumes, crenças e seus valores totalmente ignorados. Somente depois de muitas lutas e manifestações sociais os povos indígenas conquistaram direitos que foram assegurados com a promulgação da constituição de 1988, na qual asseguram aos indígenas o direito as terras tradicionais, reconhecendo suas organizações sociais e uma educação específica intercultural e diferenciada (BRASIL, 1988), ou seja, uma educação planejada conforme as aspirações de cada grupo étnico tendo autonomia para construir seu próprio currículo levando em conta os valores culturais da comunidade em que a instituição escolar está inserida. (BRASIL, 2001).

Observando os movimentos que vem acontecendo em meios aos povos indígenas e suas organizações sociais pode-se notar que grandes mudanças estão acontecendo em relação às conquistas e afirmação da identidade dos povos indígenas muitos foram os acontecimentos envolvendo as etnias indígenas em dias atuais, as manifestações e as retomadas das terras tradicionais deram inicio a uma nova luta em busca de espaços. Em vários seguimentos da sociedade nota-se a presença cada vez maior de indígenas na política, na saúde, na educação. Aos poucos os indígenas começam a ocupar os espaços que antes tinham a participação de pessoas não índias, nos setores de trabalho e também na representação dos mesmos nas questões políticas e sociais.

---

<sup>5</sup> Purutuia (língua Terena) - homem branco.

É por aí que começamos a desconstruir com os ideais da escola conservadora, uma vez que esta escola está a serviço do estado, nos currículos das escolas públicas e universidades nada se vê sobre as questões da diferença, pois os professores também assumem um papel muito importante dentro das comunidades. Uma tarefa dos professores é ler e interpretar as leis que regem o estado, sobre os direitos não só da educação, mas o direito à diferença garantida na constituição, sobre organizações sociais próprias de cada comunidade e do direito às terras tradicionais.

Com a promulgação da constituição de 1988, através de muita luta por parte dos movimentos indígenas e indigenista, busca através de uma educação emancipatória a construção de uma educação autônoma, indelével, principalmente a desconstrução da história escrita pelos colonos e a construção de uma educação nos ideais dos povos indígenas, a busca pela efetivação das leis que a regulamentam no contexto da diferença. Conforme as diretrizes que regulamentam a educação escolar indígena, fundamentada na constituição de forma autônoma projeta as ideias de escola de forma contextualizada.

A Constituição Federal entre outras Leis que regulamentam a educação escolar indígena, ainda é pautada nos discursos dos movimentos a implantação e efetivação das leis que regulamentam a educação escolar indígena, pois a instituição escola atravessa a comunidade onde está inserida como um corpo estranho trazendo consigo as marcas do colonialismo.

Falar sobre educação escolar indígena não é uma tarefa difícil, pois para tratarmos desse tema é preciso considerar que esta educação é desenvolvida em meio a grupos étnicos com culturas variadas e um modo de vida que lhes são particulares, ou seja, para entender a educação escolar indígena faz-se necessário obter conhecimentos sobre o contexto cultural e a organização social da comunidade em que a escola está inserida.

– O segundo pressuposto parte das ações dos professores, da forma como ele vai trabalhar e planejar o seu fazer pedagógico, penso que baseado nisso temos muito o que descobrir, desconstruir e construir e resignificar nossos trabalhos, por exemplos: aulas com os mestres tradicionais é proporcionar momento de reflexão para o aluno como também para nossos anciões, oportunizar os anciões momentos com alunos e alunas, no sentido de valorizar seus conhecimentos ao longo de sua vida, pois esses anciões são verdadeiras bibliotecas humanas, só basta nós enquanto professores estimular, e eles buscarem em suas memórias as histórias e suas experiências de vida. Assim foi uma aula que propiciei aos meus alunos do 8º ano na escola indígena Cacique João Batista Figueiredo. Após a fala do mestre tradicional, os alunos tiveram momentos de perguntas para esclarecer suas dúvidas ou curiosidades.

Entre outros exemplos, podemos propor inúmeras atividades que possibilite aos alunos a refletir sobre sua história, e com isso também é trabalhada a construção da identidade do aluno e da aluna.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nos precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 1997, p. 9).

A educação escolar indígena é também um espaço primeiro de desconstrução de tudo que os povos indígenas se submeteram ao longo de 500 anos de história, em segundo a construção de uma sociedade indígena que valorize suas tradições, a revitalização da língua materna, romper com paradigmas e estereótipos construídos a partir dos ideais etnocêntricos.

A semana cultural também tem se firmado nos espaços das escolas indígenas e nas aldeias, como projeto de iniciativa de fortalecimento da cultura, esse tem se estabelecido como espaço de diálogo e reflexão entre professores, alunos, lideranças, pais, mães e comunidade em geral.

Uns dos objetivos desses eventos está relacionado à: Refletir sobre os tempos atuais que, as comunidades originárias sofrem com problemas sociais de várias ordens (educação, saúde, violência, fome, negação dos direitos, preconceitos, desassistência na produção, entre outros). Todas essas problemáticas estão intimamente ligadas à questão territorial, resultado da perda das terras tradicionais, que se deu de maneira diferente com relação a cada povo. Defender que, somente a partir das demarcações dos territórios tradicionais aos povos indígenas podem garantir a sobrevivência do seu povo, gerir seu território e garantindo o bem viver.

A Semana Cultural faz parte do calendário letivo da educação escolar indígena do município de Sidrolândia MS, portanto no decorrer desta semana os professores da escola Cacique João Batista Figueiredo Aldeia Tereré, planejam atividades lúdicas e recreativas as quais serão realizadas com a participação de alunos e profissionais de educação desta instituição em parceria com a comunidade. São confeccionados os trajes indígenas para as apresentações das danças que serão apresentadas no encerramento do projeto. É programada para ser realizada entre os dias da semana do dia 19 de abril. Não que esse seja o único momento, mas, todos os anos realizaram esse evento para refletimos sobre a questão dos povos indígenas, Neste dia do ano ocorrem vários eventos dedicados à valorização da cultura indígena em quase todo território indígena do Brasil.



Neste momento de reflexão é realizada palestra para os alunos, lideranças, e comunidade buscando o diálogo sobre o processo histórico que os povos indígenas foram vítimas, entre outros temas como: preconceito e estereótipo construído sobre os povos indígenas, direitos indígenas educação, saúde, território, entre outros.



**Imagem 7** - Palestra na escola Cacique Indígena “João Batista Figueiredo”

**Fonte:** Acervo autor (2015).

A escola Indígena Cacique “João Batista Figueiredo”, também conta com a parceria da Universidade UFMS/Campo Grande MS, com a formação continuada de professores indígenas nas escolas indígenas, com a Ação Saberes Indígenas nas Escolas Indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul, um projeto do governo Federal.

A PORTARIA Nº 1.061, DE 30 DE OUTUBRO DE 2013 no artigo 1º. Fica instituída a Ação Saberes Indígenas na Escola como uma das ações do Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais, por meio do qual o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão-SECADI/MEC, e em regime de colaboração com estados, Distrito Federal, municípios e instituições de ensino superior reafirma o compromisso com a educação escolar indígena na educação básica. MEC, BRASÍLIA/DF, 2013.

A Ação Saberes indígenas nas escolas tem estimulado e mobilizados professores, alunos, lideranças para a sua efetivação, pois consideramos um avanço e grande conquista para educação escolar indígena.

### CAPÍTULO 3

## ESPECTADORES E/OU PROTAGONISTAS: A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES COMO FATOR PREPONDERANTE PARA O FORTALECIMENTO DE LAÇOS COM AS LIDERANÇAS POLÍTICO-TRADICIONAIS

#### 3.1 Escola, professores e movimentos: protagonismo para além dos muros da escola

##### *A carta*

*Querido professor “Boa Tarde!”*

*Meu nome é Osana e sou a mãe do aluno Juam, muito prazer.*

*Professor quero por meio desta escrita lhe agradecer por tudo que o senhor tem feito pelo meu filho.*

*Meu filho nesse ano faz dois anos que não conseguia sair da 2<sup>o</sup> série.*

*Tenho olhado o caderno dele e tenho ficado muito satisfeita com o desempenho dele e a dedicação do senhor e dos demais professores.*

*Estou muito feliz com os ensinamentos dessa escola, e super orgulhosa de meu filho ter o senhor como professor.*

*Se eu pudesse ter dar uma nota não teria como, porque sua nota de tão especial não há números existentes ainda.*

*Obrigado*

*Querido Professor!!*

*Por tudo e pela*

*Atenção: Ass: Osana Santos.*

A carta foi recebida e assinada pela diretora da escola no dia 29 de junho de 2016. Pois bem, antes de falarmos sobre a carta procuramos saber quem é esse aluno, procuramos entender de onde veio e porque a mãe desse aluno agradece o professor da Escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo, ai vieram as perguntas, em outras escolas como esse aluno era tratado? O aluno especificado na carta não conseguia ler e fazia dois anos que repetia a mesma série ou ano. O agradecimento da mãe através da carta era porque o filho dela agora já está lendo.

Foram detectados nas falas dos professores da diretora outros problemas, de alunos que chegavam à escola Cacique João Batista Figueiredo, eram alunos repetentes, alunos índios e não índios, pois as salas de aulas da cidade são superlotadas, não dando condições para os professores atender todos os alunos e alunas com atenção que merecem. Uma aluna indígena que estudava na escola da cidade teria ficado de castigo na hora do recreio porque não sabia pronunciar uma palavra, a mesma ficou repetindo a palavra na hora do recreio. A professora orientou a mãe que encaminhasse sua filha ao fonoaudiólogo causando assim um desconforto a mãe que pediu transferência da sua filha.

Em um diálogo com alunos e alunas da escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo, foi detectado o desconhecimento de estudo sobre cultura e história dos povos indígenas, os relatos dos alunos são “não sabíamos o que educação escolar indígena diferenciada”, “lá na escola de fora não tem Semana Cultural”, “não sabíamos o que era semana cultural; “hoje podemos dizer que aprendemos um pouco sobre nossos direitos”. A educação escolar indígena diferenciada, bilíngue e intercultural.

A professora M. S. relata:

[...] é com preparo é conversando, tira dez quinze minutos da sua aula vamos conversar um pouco, 'iii professora já vem a senhora com essa conversa', é preciso é pra eles entender um pouco as Leis, informação! Eu não tive nenhuma, porque o que era educação indígena na faculdade te dava uma apostila você lia respondia as perguntas por cima lá nem a professora era especialista na área, pedagogia da UEMS [...].

Então é esse o movimento que os professores dessa escola estão praticando, dentro das suas limitações fazem o melhor. Diante de tudo isso, temos alguns exemplos de trabalhos de professores que vai além das salas de aulas indo além dos muros da escola, apresento alguns trabalhos realizados na escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo.

Um exemplo, é importante dar visibilidade é o projeto sobre o Meio ambiente que foi realizado no ano letivo de 2016. Durante a realização do projeto foram desenvolvidas várias ações, por exemplo: a reciclagem, pesquisas sobre meio ambiente, coleta seletiva do lixo e construção de lixeiras com materiais recicláveis, teatro de fantoches ( com o Espetáculo A Doce Água Do Rio), produção de fantoches e brinquedos com reciclagem, também foi realizada uma ação sobre os três Rs com elaboração de cartazes e uma feira de troca de roupas. Após a coleta seletiva foram destinadas para usina de reciclagem.

O Desfile Reciclável foi uma atividade que os professores realizaram, alunos e professores confeccionaram vestimentas a partir de materiais recicláveis, esse evento foi dado visibilidade nos Sites Eletrônicos da cidade.



**Imagem 8** - Desfile projeto meio ambiente.

**Fonte:** Acervo de Maria Aparecida Correa (2016).

Sobre o tema meio ambiente, é possível que os alunos sejam um semeador de boas atitudes ambientais, e que a escola promova ambientes pedagógicos para a ascensão de um ambiente saudável. Os resultados positivos foram a participação dos alunos e alunas, professores, pais, mãe no evento e, possivelmente esses farão uma reflexão sobre a importância de um ambiente saudável, podendo este ser um semeador de boas atitudes ambientais, na escola, em casa e na aldeia.



**Imagem 9** - Desfile projeto meio ambiente.

**Fonte:** Acervo de Maria Aparecida Correia (2016).

Os alunos da escola Cacique João Batista Figueiredo, participaram do projeto “Meio Ambiente”, fizeram um passeio pela aldeia e observaram o ambiente, pesquisaram e reproduziram jogos e brinquedos a partir dos materiais recicláveis e realizaram exposição dos trabalhos, onde pais de alunos e alunas puderam prestigiar esse momento de diálogo e reflexão para um ambiente saudável.

A Imagem 10 a seguir mostra a apresentação de teatro sobre questões da importância da preservação do meio ambiente, alunos e alunas da Escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo participam ativamente.





**Imagem 10** - Alunos e alunas assistindo o grupo de teatro Escola Cacique João Batista Figueiredo.

**Fonte:** Acervo do pesquisador (2016).

O projeto Meio Ambiente também propôs momentos de leitura e reflexão, relacionados ao tema meio ambiente, por meio de oficinas de teatro, alunos e alunas participaram, protagonizando como atores da própria história, levando mensagens para que é possível um mundo melhor, home e natureza vivendo em harmonia.



**Imagem 11** - Grupo de teatro Escola Indígena Cacique João B. Figueiredo

**Fonte:** Acervo do pesquisador (2016).

Alunos da escola Cacique João Batista Figueiredo, produziram fantoches de varetas a partir de materiais recicláveis, para ser manuseados pelos atores dos espetáculos “A doce água do rio” que foram apresentados nas salas de aulas.

Outro evento tradicional da Aldeia Tereré, é a Semana Cultural um movimento popular que nasceu como atividades tradicionais, só depois esse movimento vai pra os espaços da escola da aldeia, antes mesmo de fazer parte do calendário letivo da educação escolar indígena do município de Sidrolândia MS, este evento cultural vem se firmando e ganhando espaços, o evento acontece na primeira quinzena de abril, desde 2005.

A Semana Cultural tem como objetivo a reafirmação da cultura e da identidade dos Terena da Aldeia Tereré Terra indígena Buriti município de Sidrolândia MS, é realizada todo os anos no mês de abril, o projeto é realizado pela escola em parceria com a comunidade. Visando fortalecer a luta de resistência dos povos indígenas, especificamente a dos povos Terena, bem como lutar pelos direitos constitucionais, tal qual nos tempos atuais vem sofrendo com desigualdade étnico e social e violação dos direitos. Refletir sobre os tempos atuais que, as comunidades originárias sofrem com problemas sociais de várias ordens: educação, saúde, violência, fome, negação dos direitos, preconceitos, desassistência na produção. Todas essas problemáticas estas intimamente ligadas à questão territorial, resultado da perda de terra, que se deu de maneira diferente com relação a cada povo.

E na emergência dos interstícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença - que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos “entre-lugares” nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [empowerment] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e de discriminação, o intercambio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e ate incomensurável? (BHABHA, 1998, p. 16).

Dialogar com a comunidade e mostrar que o estado de Mato Grosso do Sul, possui uma dívida histórica com os povos indígenas que habitam secularmente estas terras. Esta dívida de âmbito territorial, ambiental, econômica, social e cultural, precisa ser reconhecida e reparada sobre o desejo de reescrever uma nova história, que promova a não repetição de atitudes políticas genocidas, que violaram e violam o direito de nosso povo, em seus principio mais vitais.



Entender que cada povo que compõem o estado de Mato Grosso do Sul, possui organização própria, língua, crença, costumes, processo de ensino aprendizagem e maneira própria de ver e entender o mundo ao seu redor.

Socializar com a comunidade escolar que os Direitos estão garantidos na Constituição Federal Brasileira de 1988, entre outras providências que dispõe os direitos dos povos indígenas.

Olhar sobre a diversidade de nosso povo as suas formas econômicas relação com o trabalho, concepção de uso da terra não deve ser vista como empecilho ou estorvo ao dito “progresso” ou “desenvolvimento”, ao contrário cada comunidade originária possui suas potencialidades próprias que se erradia de seu local e com o devido apoio governamental, tais potencialidades devem “desabrochar” para juntos promover o Bem Viver para viver melhor que, para os povos indígenas significa proporcionar a dignidade de vida, não a partir da ótica dos povos ocidentais, mas a partir das demandas e cosmo visão dos povos indígenas que tem como base o território tradicional.

Trabalhar no combate ao racismo e o preconceito com promoção étnico/cultural. Nos últimos anos o estado de Mato Grosso do sul, entrou para a história como o mais racista, truculento e preconceituoso, e com isso o resultado se deu com o aumento da violência institucional, física e cultural aos povos indígenas. Racismo e preconceito se combatem com educação, mudanças de comportamento, punição dos criminosos e promoção social das vítimas.

Portanto no decorrer desta semana os professores da escola Indígena Cacique João Batista Figueiredo Aldeia Tereré, propiciam momentos de atividades lúdicas e recreativas as quais serão realizadas com a participação de todos os alunos e alunas desta instituição em parceria com a comunidade. Alunos e alunas confeccionam as vestimentas (trajes) indígenas para as apresentações das danças que serão apresentadas no encerramento da Semana Cultural. Nesse evento tão importante são organizadas várias atividades, como palestras relacionadas a vários temas, dentre eles: saúde, educação, território.

Quadro 1 - Cronograma da Semana Cultural da Escola Indígena “Cacique João Batista Figueiredo” - Aldeia Tereré

<b>Dia/mês/ano</b>	<b>Matutino</b>	<b>Vespertino</b>	<b>Noturno</b>
13/04/015 Segunda-feira	Alunos e alunas - confeccionam as vestimentas	Alunos e alunas - confeccionam as vestimentas	Apresentação de documentário
14/04/015 Terça-feira	Alunos e alunas - confeccionam as vestimentas	Alunos e alunas - confeccionam as vestimentas	-----
15/04/015 Quarta-feira	Palestra: higiene bucal	Palestra: higiene bucal	-----
16/04/015 Quinta-feira	Jogos e brincadeira	Jogos e provas nativas	-----
17/04/015 Sexta-feira	Jogos e brincadeiras	Ornamentação da casa da cultura.	Desfile beleza indígena
18/04/015 Sábado	Apresentação cultural	12h00mn almoço	Futebol

No encerramento da Semana Cultural o desfile “Beleza Indígena”, proporciona momento de reflexão, o quanto é rico e belíssimo a cultura Terena, onde alunos e comunidades participam juntos fortalecendo a luta de resistência. Todos se mobilizam, para confeccionar as vestimentas, é um grande evento, índios e não índios ficam fascinados com tanta beleza e arte. Muitas pinturas, o colorido toma conta.



**Imagem 12** - Desfile Beleza indígena – semana cultural Escola Cacique “João Batista Figueiredo”.  
**Fonte:** Acervo do pesquisador (2015).

O evento da Semana Cultural é realizado no Centro Cultural Flaviana Alcântara Figueiredo, cuja homenageada esposa de João Batista Figueiredo, foi construído para fins de ponto de cultura.

Por muito tempo alunos e alunas indígenas que estudavam nas escolas da cidade não tinham momentos como esses tipos de eventos propiciados pela escola indígena, os resultados são muito bons, ao observar nos relatos dos alunos e alunas quando dizem aprender muito sobre a cultura, os direitos e deveres dos povos indígenas.



**Imagem 13** - Desfile Beleza indígena - semana cultural Escola Cacique “João Batista Figueiredo”.

**Fonte:** Acervo do pesquisador (2015).

Os alunos aprendem confeccionar vestimentas (trajes) indígenas como: saias de fibra de buriti, arco e flecha, aprendem tocar pife (flauta feita de bambu), tocar caixa, aprendem dançar o bate-pau (dança Terna masculino), dançar do cypu-trena (dança Terena feminina), aprendem a fazer pintura corporal.

### **3.2 A participação dos professores da aldeia Tereré no movimento dos Terena pela retomada da terra indígena buriti**

São nenhuns quaisquer títulos, mesmo registrados, contra a posse dos silvícolas, ainda que anteriores à Constituição de 1934, se a data da promulgação havia tal posse. O registro anterior de propriedade é título de propriedade sem uso e sem efeito (AZANHA apud MIRANDA, 1967, p. 457).

Antes das retomadas houve um grande caminho que os povos indígenas percorreram, aqui em específico os Terena do estado de Mato Grosso, Terra indígena Buriti município de Dois Irmãos do Buriti MS e Sidrolândia MS, que ao longo da história foram vítimas de manobras do estado brasileiro que inicia no período colonial, império e se estende a república. Sobre as leituras dos GT da FUNAI (Grupo de trabalho da Fundação Nacional do Índio/Brasília DF), Sob a ótica do artigo 231 da Constituição Federal de 1988 a situação das terras Terena no território do estado de Mato Grosso do Sul. (AZANHA, 2005).

O discurso é o subterfúgio do estado brasileiro na apropriação das terras indígenas tendo como base legal a Lei 601, a chamada Lei de Terra no Brasil império. Por pressão dos colonos neo-brasileiros, houve o confinamento das populações indígenas, sendo confirmado e concedido pelo estado federado ao extinto SPI (Serviço de Proteção ao Índio) 1920 -1940.

Por tanto Lei 601 Leis de Terra 1850 e seu regulamento de 1854, Mato Grosso do Sul legislação estadual nº 20/1892, Regulamento nº 38/1893, Decreto nº 75/1897, Lei nº 336/1946 que institui o Código de terra do estado de Mato Grosso do Sul, nada disso dava garantia das terras aos índios diante do subterfúgio, já que as letras da Lei permaneceriam mortas. (AZANHA, 2005, p. 62-71).

Esse desdobramento das terras dos Terena do estado de Mato Grosso do Sul, por tanto a se dizer e entender por parte do judiciário, pelos índios, indigenista e militantes não possuem base legal, segundo Azanha (2005). Todos os Decretos do Estado do Mato Grosso que concedem glebas “de terras devolutas” dos Terena não possuem base legal porque estas terras já eram indígenas no conceito da legislação em vigor (a Lei de Terras de 1850 e seu Regulamento de 1854); Vemos então esse desdobramento, até então o diálogo dos terena do estado de Mato Grosso do Sul, em permanente negociação em busca de seus direitos principalmente nas questões territoriais, mesmo que o cenário era o esbulho da suas terras e o confinamento de índios em pequenas glebas de terra. Vendo isso percebe-se que os Terena passa por dois momentos históricos muito distintos, o primeiro momento é o antes da Guerra do Paraguai o segundo é o pós-guerra. Isso é bem visível quando o autor diz:

[...] a abertura para o exterior dos Aruak foi responsável pela incorporação ao seu patrimônio cultural de pautas e equipamentos culturais de outros povos e teria lhes favorecido a adaptação em ambientes diversos - o que explicaria o seu expansionismo e seu domínio sobre outros povos, a quem reputavam de inferiores. Tal tendência seria reforçada com a realização de alianças com povos que reputavam superiores, politicamente falando, desde que isso lhes trouxessem vantagens - como ocorreu no passado com os Mbayá-Guaicuru ou depois com os porutuyé (“brancos”). (AZANHA, 2000, p. 74).

É evidente que os Terena antes da Guerra do Paraguai, mesmo que assistindo o esbulhos de suas terra, protagonizavam um momento harmônico entre si e entre outros povos, eram autossustentáveis culturalmente falando, pois adaptavam as outras realidades, se impondo ou aliando com outros povos, se organizavam politicamente.

A tríplice aliança no final de 1864, os terena é afetado com a invasão das tropas, as terra dos Terena o próprio palco da guerra, se dispersaram buscando refugio nas matas e na Serra de Maracaju, com isso ouve uma mudança no modo de vida dos Terena. Fim da Guerra, alteração no quadro político-social, as pessoas de outros lugares do Brasil era de desprezo aos índios que os chama de “bugres”. As suas terras já tinham sido tomadas por terceiros, os Terena foram submetidos a buscar outras novas formas de sociedade construída a partir de fragmentos dela. (AZANHA, 2005).

Sob análise de Cardoso de Oliveira (AZANHA 2005), sobre a sociedade Terena nos anos 1940/50, foi sendo introduzidas a esse povo condições adversas, causando o fim da autonomia dos terena, vivendo em situação de confinamento em reservas ou seja pequenas glebas de terras, sem condições pra o manutenção sustentável e cultural, com isso levou a dependência da política do homem branco, do chefe de posto do SPI, e depois da FUNAI. E por fim a leva de indígenas a reduto urbano. Portanto entende-se hoje pelo movimento dos Terena moderno em buscas de outros espaços para a manutenção da cultura e sua sobrevivência.

Da fraternidade à perseguição, em 1960, as imposições dos limites das reservas, por que os Terena tinham a necessidade de continuar existindo, pois os mesmos ocupavam as áreas vizinhas para a sua manutenção, caçavam, pescavam, colhiam mel e ervas medicinal sempre que lhe coubessem. Isso incomodou os fazendeiros que levou os mesmo a reclamar para as instituições:

As reclamações sobre estas atividades, da parte dos “proprietários” vizinhos e traduzidos em documentos oficiais arquivados no PIN Buriti, em Cachoeirinha ou no Museu do Índio, são eloqüentes. Por exemplo: em carta datada de 21 de julho de 1956, o gerente da fazenda “Miranda Estância SA”

(divisa norte da atual reserva e onde se localizam vários pontos de caça e pesca tradicional dos índios terena), senhor Alfredo Ellis Netto, dirigia-se ao chefe do Posto do SPI de Cachoeirinha para exigir, (AZANHA,2005, p. 82)

Os fatos que ocorreram causaram grande transtorno na vida dos Terena, os mesmos não se submeteram as imposições posta pelo SPI, agora tão aliados dos fazendeiros, que castigavam os índios tentando intimidar para que não hesitassem a entrar nas áreas vizinhas. Pois os Terena não desistiram de exercer seus direitos da caça e da pesca dentro das áreas que eram suas de direito. Conforme depoimento:

Quando eu era menino, a maior alegria era quando meu pai, meu avô me levava para 'melar' (tirar mel). Era uma festa; todo mundo saindo com as latas atrás dos enxames, mulher, gurizada... Porque não tinha açúcar não, como hoje em dia. Nós saía por essas matas, naquele tempo era tudo mata, para catar mel, pra comer com farinha, jatobá [...]No campo era guavira, nós pousava nas invernadas, porque a peonzada era tudo patriciada, tudo índio[...]. Agenor, aldeia Córrego do Meio, 55 anos ( AZANHA, 2005, p. 1)

O depoimento do Terena remete a pensar nos tempos das retomadas, da qual vivenciei, desde o principio no inicio do ano 2000. Éramos motivados pelas memórias dos nossos anciões. Lembro ainda como se fosse aos dias de hoje, quando os anciões diziam e mostravam estendendo seus braços, que as nossas terras iam além dos marcos os limites posto pelo SPI. (AZANHA, 2005, p. 84). As perguntas que fazíamos para nós mesmo serão que futuras gerações Terena irão ter terra para manutenção da cultura? O que será dos nossos filhos? O que será dos nossos netos? Nascia ali naquele momento uma nova forma de olhar e reivindicar nossas terras, o movimento da resistência indígena começava com as grandes retomadas e que iria ficar marcado na história dos Terena, será o terceiro momento dos terena? Uma longa e conflituosa trama de conflitos entre índios e fazendeiros, e que levaram o mundo a ter um olhar pra essa realidade.

Pois nos organizamos: comunidades, lideranças professores, alunos e alunas indígenas, enfermeiros indígenas, mulheres, crianças e anciãos, todos foram para as retomadas, pois estávamos decididos em fazer com as próprias mãos a autodemarcação nas nossas terras. O diálogo com os alunos garantem o futuro e fortalecimento nossas lutas. Pois houve a tentativa de as instituições estatais e privadas a imprensa a todos os momento tentavam desqualificar o movimento dos índios Terena no processo das retomadas, o discurso eram que a FUNAI, o CIMI, estariam orientando, patrocinando e estimulando os Terenas a entrar nas terras.

Os Terena são tão capazes como qualquer outros povos e grupos sociais, os estereótipos, os discursos que ao longo dos anos foram construídos de que índio não é capazes de direcionar sua própria vida, índio é preguiçoso, e para quê que índio quer terra? Esses discursos preconceituosos não têm colaborado para o desenvolvimento cultural do país, e sim colocar as diferenças em oposição a outra

Acreditamos em nosso potencial cultural, sabemos em que momentos devemos nos postar diante do estado e da sociedade, para que possamos garantir a continuidade do nosso povo “Terena”. Temos nossas Inquietações, nossas angustias, e nos organizamos conforme o nosso entendimento indígenas de ser.

A “retomada” é um termo usado pelo movimento Terena da Terra Indígena Buriti município de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia MS, para configurar e legitimar que as terras tradicionais que estavam/estão nas mãos dos fazendeiros sempre foram e será dos Terena, com base nos relatos dos nossos antepassados e anciões ainda em pleno gozo de vida, relatam que antes essas terra eram habitadas por nós Terena, isto também é legitimado na Constituição Federal de 1988, nos artigos 231 e 232.

Com base nesses dispositivos, as organizações tradicionais de cada aldeia lideranças, anciões, professores, profissionais da saúde, militantes, depois de muitos encontros e reuniões buscamos a melhor forma o que devemos fazer para o futuro dos Terena. Entendemos que cada aldeia tem suas especificidades, não só na educação, mas especificidades na organização social e política também, cada aldeia almeja aquilo que entendem como melhor para grupo, ou seja, o Bem viver. Por tanto, não existe diferença no momento que os Terena vão para as retomadas, todos unidos pela mesma causa. Assim partimos rumo as retomadas e a escola foi junta:

Ao levar nossa escola e toda sua estrutura para a retomada do território foi uma experiência jamais vivida pelo corpo docente e o aprendizado que cada um dos professores pôde retomar, pois este fato colaborou para um aprendizado que jamais teríamos se a escola não fosse participar e ser um a gente transformador.





**Imagem 14** - Alunos na retomada

**Fonte:** Acervo do pesquisador (2013).

Foram várias as fazendas retomadas desde o período de 2000, ao todos somam trinta e seis fazendas em litígio, porém das trinta e seis fazendas somente quatro não foram retomadas.

A demarcação da Terra indígena Buriti ainda se arrasta pela justiça, provocando assim um desconforto e conflitos entre índios e fazendeiros. Em 2013, como processo de retomada da fazenda Buriti Sidrolândia MS, os Terena teve que enfrentar uma decisão da justiça de reintegração de posse, no confronto que duraram oito horas de conflito, o Terena Oziel Gabriel foi assassinado pela policia que cumpria a decisão judicial de reintegração de posse. Entre outros, vários Terena são feridos por bala de festim. O hospital filantrópico Elmiria Silvério Barbosa, registrou a entrada de vários guerreiros Terena no hospital. Segundo, (OLIVEIRA, PEREIRA, 2007, p. 11), [...] deve-se pontuar que os antigos Echoaladi, Kinikinau, Laiana e Terena, atuais Terena em Buriti e em outras aldeias próximas, como a Tereré, atuaram como atores históricos importantes na expansão e consolidação de um grande território [...].

De acordo com a legislação brasileira em vigor, se essas terras forem reconhecidas como indígenas, como atesta o laudo antropológico elaborado em 2001 pelo órgão indigenista oficial (Azanha, 2001b), e a perícia realizada em 2003 para a Justiça Federal (Eremites de Oliveira & Pereira, 2003), elas voltarão a ser propriedade da União. Uma decisão desse nível anulará os títulos dos atuais proprietários. Para não perderem suas terras os proprietários contestaram, na esfera da Justiça Federal, o laudo administrativo do Governo Federal e solicitaram uma perícia técnica para



reavaliar os procedimentos de identificação que caracterizaram a área como terra indígena. Os estudos periciais confirmaram tratar-se de uma terra indígena, mas mesmo assim um juiz federal deu ganho de causa, em primeira instância, para os fazendeiros. O Ministério Público Federal e a FUNAI recorreram à instância superior no Tribunal Regional da Justiça Federal, em São Paulo, e lograram a reversão da decisão tomada em Mato Grosso do Sul. Tudo indica que a decisão final somente será definida no Supremo Tribunal Federal, instância máxima de decisão judicial no país (OLIVEIRA, PEREIRA, 2007. p.17).

Os Terena lideranças da Terra indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti MS e Sidrolândia MS, deram início ao movimento das RETOMADAS ou autodemarcação no ano de 2000. Pois vivenciaram esse processo e acumularam experiência ainda não escrita na história dos Terena e indígenas do Brasil. O movimento das retomadas ganharam destaque na imprensa internacional, com isso vários grupos de indígenas do Brasil prestaram solidariedade aos Terena da Terra Indígena Buriti, bem como receberam visitas do movimento social como os campesino, MST.

Neste ano de 2016, a Organização das Nações Unidas - ONU, em agenda no Brasil, especificamente para dialogar e observar de perto os relatos da situação dos povos indígenas do Brasil, onde tive oportunidade de falar sobre nossa situação. Não era sabido pela ONU, que o governo brasileiro não cumpria o acordo internacional de implementar política pública que visa a manutenção da cultura material e imaterial dos povos indígenas, bem como promover a demarcação do territórios. Ao invés disso, o governo brasileiro dificulta a resolver os problemas, deixando para Supremo.

Passou-se dezesseis anos de movimento de retomada na terra Indígena Buriti, e não vemos uma luz no fim túnel, e nenhuma esperança que o governo brasileiro queira resolver. Diante de tudo isso, das trinta e duas fazendas retomadas nasce a esperança do Bem Viver ou viver melhor a partir do território com as centenas de roças espalhadas pelas retomadas da Terra Indígena Buriti.

Fazendas que eram patrimônio de um proprietário, hoje a Terra abriga centenas de indígenas, semeando vida e esperança, alimentando os Terena da continuidade do seu povo. Lembro o que vi na reintegração de posse, um guerreiro colocando terra em sua boca diante da PF e a imprensa. Isso foi tão marcante na minha vida, no primeiro momento não entendi, depois compreendi que nos povos indígenas temos uma ligação muito forte com a Terra, A Terra é nossa Mãe!



**Imagem 15** - Produção na área de retomada, colheita do milho.

**Fonte:** Acervo do pesquisador (2014).

Mesmo tendo a Portaria Declaratória anulada pelo Supremo, os Terena permaneceu na Terra produzindo, outras reintegrações de posse foram concedidos para os fazendeiros, e suspendida ao mesmo tempo, devido as justificativas dos procuradores da FUNAI e MPF, as decisões dos Juízes de suspender as reintegrações de posse devido ao grande número de plantio na Terra.

Os Terena da Aldeia Tereré, desde 2013 vem enfrentando uma luta em negociação com o poder público e privado para a ampliação de Área da Aldeia Tereré. Nos últimos trinta anos de história a aldeia Tereré, passa por um processo de superlotação, as dez hectares hoje não das condições para mais construção de moradia, os Terenas reivindicam ao poder público e a iniciativa privada, neste caso a corretora procuradora legal da Chácara Califórnia, que faz divisa com as terra da Aldeia. A negociação perdura por três anos, e não dando nenhum sinal de desfecho do caso. (documento em anexo).

### 3.3 O protagonismo dos professores como prática discursiva e efetiva na construção do bem viver dos Terena da Aldeia Tereré: Caminhos para a autonomia?

Ensinar  
é um exercício  
de imortalidade.  
De alguma forma  
Continuamos a viver  
naqueles cujos olhos  
aprenderam a ver o mundo  
pela magia da nossa palavra.  
O professor, assim, não morre  
Jamais...

Rubem Alves (1994, p. 4)

É na poesia de Rubem Alves que damos início a esse capítulo onde percorremos a falar desse protagonista que chamamos de professor, nós enquanto professores, imortalizamos nas histórias das ciências, dos conhecimentos tradicionais, pois onde há ensinamento há aprendizado, na sala de aula ou em qualquer outro espaço, para formar qualquer outro profissional seja em qualquer área do conhecimento, nossos olhos que aprenderam a ver o mundo, forma pela magia das palavras do professor, é nesta posição de professor militante da educação escolar indígena que falo do protagonismo e professor imortal, ou seja o professor continua a viver através do aluno.

Pois a educação é o setor que mais tem chamado a atenção porque é crescente o número de acadêmicos indígenas que estão em busca de uma formação superior e estão empenhados na luta para fazer valer seus direitos constitucionais. Isso fica claro quando observamos a realização dos Fóruns de Educação Escolar Indígena, pois os mesmos participam ativamente das discussões.

A escola como espaço de fronteiras entre culturas, particularmente em terras indígenas, segue historicamente no Brasil orientações e tendências político-pedagógicas que vão desde a proposta de aculturação, integração e assimilação dos povos indígenas aos princípios do Estado Nacional até as decisões tomadas pelos movimentos contemporâneos dos povos de transformá-la em recurso institucional de construção de autonomia e emancipação, garantindo o fortalecimento de suas identidades, a partir da história de contato, da articulação e troca de conhecimentos com os quais estão envolvidas as diversas realidades indígenas (NASCIMENTO, 2003, p. 3).

Situado, falo do professor como sujeito construído historicamente, instituída sobre a tutela da igreja para fins de instrumentalizar as camadas populares a leitura das palavras

sagradas, como uma figura estratégica de guardiã, legitimada pelas normas e valores religiosos. Trago uma citação como muitos desse sujeito o “professor” foi constituindo nas escolas das aldeias:

Com muita cautela tinha que fazer a escolha entre trabalhar com um grupo de cinquenta trabalhadores na usina, com carteira assinada, como cabeçante ou fazer o curso de formação para professor indígena. Como a situação de trabalho na usina de cana-de-açúcar já conhecia, o contexto da educação escolar era um campo desconhecido. Por que a minha vida de estudante foi num curto espaço de tempo, parei de frequentar a escola precocemente por várias razões e não tinha boas lembranças. O que ficou um pouco na memória de quando estudava era o modelo da educação escolar homogeneizador e colonialista; portanto, escolhi o desafio de fazer o curso e entrar para o campo da educação escolar indígena. Em julho de 1999, começou a primeira etapa do curso Ára Vera na Vila São Pedro, município de Dourados MS. (CAVANHA, 2016, p. 23)

A citação mencionada, remete-me a pensar na própria trajetória, talvez nem todos temos as mesmas situações para as escolhas que queremos fazer. Lembro quando trabalhei durante três meses na Usina Santa Olinda Quebra Cocô município de Sidrolândia MS. Durante três meses de trabalho, foi também momento de pura reflexão. Levantava as quatro da manhã, esquentava a comida, preparava a marmita, ia para o ponto para embarcar no ônibus, lotado com quarenta trabalhadores, a fumaça de fumo poluía o ambiente. Chegando lá, o frio tomava conta do amanhecer, e com dores em todos os músculos do corpo, o encarregado distribuía as tarefas, capinar as ervas daninhas entre as canas, passar veneno nos colônios entre as canas com uma bomba costal de vinte litros, cortar cana com um facão de usina. Muitas vezes trabalhava com febre. Sentia-me sufocado, precisava de libertação, procurava por isso em todos os lugares e não encontrava em lugar nenhum, pois a libertação estava dentro de mim, não pensava em outras coisas a não ser estudar. Não era aquilo que eu queria para mim e nem para a minha família. Uma criança que não tem escola, é privada dos direitos de ver o mundo, a escola sem a criança priva o direito de dar o mundo a criança.

Dividir essa experiência, sem desvalorizar qualquer tipo de trabalhador ou profissão, pois as experiências me fizeram ver que as pessoas são felizes naquele ambiente de trabalho, pois optaram por não estudar, e são eficientes naquilo que fazem.

Sou professor na escola indígena, formado pelas escolas tradicionais, ouvia e sentia os preconceitos na pele. Hoje entendo a timidez que sentia dentro da sala de aula, não era preciso que as pessoas falassem, pois os olhares dos alunos faziam com que me sentisse excluído, o sentimento era o de que ficar invisível, a única saída era o de sumir. Na medida em que ia passando de ano, eu crescia fisicamente e mentalmente, porém os preconceito

continuava. Com o passar dos tempos, já me posicionava diante das situações de preconceito, às vezes no diálogo, às vezes de outros jeitos. Hoje como professor indígena, busco por meio da educação escolar indígena diferenciada, dar o meu melhor, valorizando as ciências ocidental e tradicional, compartilhando experiência das memórias dos anciões Terena, alunos e alunas dialogando sobre a diferença, criando meios para uma sociedade do Bem Viver.

Incorporou através dos tempos, uma visão das práticas pedagógicas de que o professor detém de privilégios, qualificação e autonomia, que situa no campo do trabalho intelectual em oposição do trabalho manual. Assim construído historicamente, da doutrinação religiosa a doutrinação ideológica, para o preparo de jovens a necessidade do mercado de trabalho industrial. As escolas também se submeteram a uma revisão profunda proposta por taylorismo, com as ideias da gestão científica do trabalho.

Projeta-se ainda uma constante mudança sobre o fazer pedagógico, pois é um grande desafio para os professores responder as novas expectativas, de assumir vários papéis coincidindo com o processo histórico, e esta ligada a três fatos funda.

Ao longo da história vemos que o ofício de ser professor nasce pra atender idéias e conceitos religiosos, e desempenhar vários papéis para atender a demanda da sociedade, exigindo equilíbrio em varia situações, cito o depoimento do aluno, quando é feito uma avaliação do professor:

Eu vi que o senhor o nosso professor quer que nos enxergamos que nos temos capacidade de ser uma pessoa melhor que sejamos parceiros colegas, e você que nos ensinar que lá na frente nos iremos lembrar e também queremos aprender mais, passe mais avaliações chame atenção daquelas pessoas que não prestam atenção na sua aula. Chame mais a nossa atenção!!!

Percebe-se neste depoimento do aluno, aos papéis do professor, onde o aluno fala [...] “que nos temos capacidade de ser uma pessoa melhor que sejamos parceiros colegas” [...], há uma cumplicidade muito forte entre o aluno e o professor uma relação muito forte que vai além do ensinar e aprender, o papel do professor é uma extensão familiar para a construção do desenvolvimento pessoal e social do aluno. Assim é o professor indígena nas comunidades indígenas, a relação professor aluno não inicia e nem termina na sala de aula da escola, pois os professores transitam nos mesmos espaços que o alunos e alunas transitam na aldeia.

Por outro lado temos também uma deficiência com relação à formação de professores indígenas para atuar nas escolas indígenas, a localização da Aldeia Tereré Terra Indígena Buriti Sidrolândia MS, pela sua localização geográfica, os alunos que conclui o ensino médio procuram universidades que está próxima do município de Sidrolândia MS. E

como já dito em capítulos anteriores, algumas universidades do Estado de Mato Grosso do Sul ainda não estão preparadas para atender essa demanda, para uma educação diferenciada intercultural e bilíngue. Pois vale dizer que algumas universidades já estão revendo e resignificando seus currículos para atender tal demanda, a exemplo disso temos a UCDB, UMES, UFMS. Temos professores graduados na área de educação nos cursos de pedagogia, mas encontram dificuldades em planejar ou dialogar com alunos e alunas sobre história e cultura dos povos indígenas, direito, território... Vemos isso no discurso da professora (M. F):

Eu não entendia o que é uma educação, o que é uma escola diferenciada, aí eu questionava muito os professores, porque trabalhavam mais assim na parte da realidade da criança né, como que é nossa aldeia, como é a vivência da criança ali né, criança indígena, mas aí, eu questionava, mas porque só aqui da aldeia vocês vão ensinar, meu filho vai crescer vai ter que concorrer, lá com os brancos da mesma forma, vai ter que fazer universidade uma faculdade, eu falava assim, eu não quero que meu filho aprenda só língua terena, porque lá era escrita de língua terena a leitura do primeiro ao terceiro ano, começa a ler a partir do quarto ano aí já faz a transição, fazem né, que era português, aí confundiam muito, esse daí pra mim não entendia o porque e também não aceitava, mas assim conforme o tempo passando é eu comecei entender o que uma escola diferenciada porque uma educação indígena, aí quando eu fui pra faculdade aí que começou clarear um pouco sabe, assim nos primeiros anos também não concordava, mas só que também eu era muito tímida assim não falava não questionava porque, porque eu não tinha esses entendimentos das leis, eu não lia, não me interessava, não buscava né, eu não tinha como debater com alguém lá entendeu, as vezes as minhas colegas falavam assim: “há veio pela cota”. Né veio pela cota, como se fosse nós, assim, agente ter aquele é, capacidade de entrar em uma universidade, mas assim, aí foi clareando minha mente fui entendendo o que é uma educação escolar diferenciada é os professores como que é uma formação de uma escola indígena, como que tem que funcionar né, então eu acho assim, na universidade foi pouco, eu estudei educação escolar indígena só no último ano, em quatro anos, esses três anos nunca ninguém falou sobre leis nossos direitos, nada, nada, nada. Mas só que no final do curso meio male má também, não deu aquela coisa assim, então faltou isso na universidade, pra gente conhecer mais nosso direito, e também, eu acho assim, por falta de mim eu não busco né, ter formações, às vezes por falta de verba, de condições de a gente ir lá nesses FÓRUNS que é importante, as vezes eu não vou, né porque as vezes não tenho condições não tem que ter alguém pra me levar e também não dirijo né, então fico dependente dessa coisa. Mas assim, mas em questão de educação aqui na aldeia avançou bastante, porque quando eu entrei aqui em 2007, nós não tínhamos coordenador, não tínhamos ninguém vivíamos por conta, nem parâmetros curriculares nós não tínhamos (Eliane Batista). “Cada um pra si e Deus pra todos”. Então essa questão teve avanço, teve FÓRUN aqui, coisa que nunca acontecia né, eu acho assim que agente tá progredindo, tá avançando na questão da educação indígena então hoje eu defendo uma escola diferenciada, mas sem deixar os conhecimentos universais porque nos precisamos, porque os dois têm que andar juntos, porque os nossos filhos os nossos alunos vão disputar a mesma coisa lá do branco, porque lá na universidade ninguém vai dizer, ninguém falou pra mim, a Marli é indígena nós vamos colocar prova dela em terena,

não que o terena né, não seja mais importante, é importante né, assim pra nós dizer algumas palavras, os dois tem que andar juntos, porque nos vamos também lá universidade vamos usar nossos conhecimento através das leis que nos ampara, então, acho assim a questão quando passei na universidade não estudei muito, bastante sobre as questões as leis tudo, e também parece que a universidade não ligava muito sabe, não sei como e agora, mas antigamente ninguém assim o, ninguém se importava, não é aquela coisa assim, disciplina que você tem que aprender,[...] essa é minha fala são estamos progredindo aos poucos mas já tá aí, do que era anos atrás ver a escola agora né os professores, antigamente não tinham uma formação de nível superior, e estamos alguns em formação alguns já terminaram, em questão de professor estamos bem.

A professora da qual faço esta análise é graduada formada em pedagogia, proveniente da Aldeia Bananal município de Aquidauana MS, é falante da língua Terena. Pois, fala da sua experiência a partir do seu território, ao iniciar sua trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul já residente na Aldeia Tereré Sidrolândia MS. Ainda na sua Aldeia de origem deixa claro seu pensamento sobre a educação escolar indígena, seus pensamentos e entendimento é a partir daquilo que a escola conservadora cartesiana implantou ao longo dos quinhentos anos de imposição, a universidade por sua vez contribuiu com a reprodução da escola conservadora. É evidente a dificuldade e a aceitação de ensinar os alunos e alunas a partir da realidade dela, isto é as marcas do colonialismo na escola indígena contemporânea ainda é muito presente dentro e fora da escola indígena. Nascimento e Vinha (2012), numa virada histórica, a identidade expandiu-se, ressurgindo assim povos que foram silenciados por meios do processo de colonização.

O impacto dessa virada histórica protagonizada por essa população consiste no fato de que nenhum outro segmento da população brasileira foi capaz de, pela sua presença identitária, provocar a necessidade de o Sistema Nacional de Educação rever sua postura de forma a atender e respeitar as diversas cosmovisões vinda dessas diferentes sociedades indígenas (NASCIMENTO; VINHA, p. 65, 2012).

Um trecho da fala da professora: “[...] meu filho vai crescer vai ter que concorrer lá com os brancos da mesma forma [...]”. Aqui vemos uma resistência e desvalorização dos conhecimentos tradicionais, não porque a professora queira fazer, mas pelos quinhentos anos de história de aculturação e assimilação e subalternização de uma escola homogeneizadora e etnocêntrica (NASCIMENTO; URQUIZA, 2010).

Ainda sobre a fala da professora, os professores indígenas dentro de uma perspectiva do despertar ascendem à chama do orgulho de ser índio, buscando a reafirmação da identidade, isso ocorre quando deparamos diante de uma situação de conflito como, por

exemplo, o preconceito. Foi identificada na maioria dos discursos dos professores indígenas da Escola Indígena Cacique “João Batista Figueiredo” que foram vítimas de preconceito dentro das universidades tais como: entraram pela cota, não são chamados para fazer trabalhos em grupo. Podemos dizer com muita propriedade que os movimentos são também espaço de formação, pois é nos movimentos que as coisas acontecem. O Fórum foi destacado como ponto positivo na perspectiva de fazer valer os direitos assegurados na Constituição, bem como de resistência e valorização da identidade, o Fórum de educação tem sido muito importante, pois tem contribuído de todas as formas a valorização dos direitos indígenas, não só da educação, mas também da saúde e território. Os professores que vão para os movimentos, voltam para suas aldeias com outras perspectivas, disposto a lutar pelos direitos.

Com isso vemos que grandes avanços aconteceram principalmente no que se refere às Leis, são vários os direitos assegurados para os povos indígenas, na Constituição Federal, LDB, as Leis estaduais e municipais. Isso está atribuído também na concepção do viver melhor da comunidade ou Bem Viver, pois agora as formas de vida dos Terena da Aldeia Tereré também está relacionadas ao atendimento à assistência do poder público em todos os sentidos, que vai desde os direitos a diferença legalmente assegurado na Constituição, ao atendimentos nas áreas da saúde, educação e Território. Segundo Luciano (2013), isso também é visível com o povo Baniwá, o termo usado por eles é “melhoria” ou “vida melhor”, que estão relacionados aos bens do mundo branco.

Luciano (2013) também fala do termo e a ideia do bem “*bem viver*”. O povo Baniwa busca por meio da escola e da universidade, o “*bem viver*” na concepção dos povos andinos, o “*viver melhor*” ou “*viver bem*” na concepção Baniwa. Para os idealistas do bem viver, o conceito de viver bem está relacionado a partir da ideia capitalista, que passa pelo acesso aos bens e a acumulação dos mesmos para alcançar determinada qualidade de vida, mesmo que para isso seja submeter o processo de submissão e exploração entre os homens, e entre estes e a natureza. O autor cita um especialista em cosmo visão andina, o Índio da etnia Aimara, Ministro das Relações Exteriores da Bolívia David Choquehuanca, menciona que, pode sim pensar na ideia do viver bem sem ferir os princípios do bem viver.

Os povos indígenas do Alto Rio Negro anseiam uma vida de bem viver, mas para isso optaram pela apropriação de alguns instrumentos do viver melhor, procurando equilibrar forças políticas e técnicas em vista da retomada de sua autonomia interna, necessária à reconstrução desse bem viver. Em outras palavras, querem assegurar o *bem viver* inclusive lutando pelo *viver melhor*. (LUCIANO, 2013, p.105).



Em diálogo com anciões da Aldeia Tereré Sidrolândia MS, podemos dizer que o entendimento e concepção do “Bem Viver” comunitário esta relacionado ao Território, seguido da grande quantidade de subsistência relacionado à casa, o quintal a roça, isso quer dizer que também o Bem Viver esta relacionado a saciar a fome, ou seja, a partir da filosofia do Bem Viver ou viver melhor, para os Terenas da Aldeia Tereré é a partir do estomago que também é feliz. Porém a de se concordar com a filosofia de vida do povo Baniwá, pois também buscamos através da escola e educação superior o bem vier ou o viver melhor. A seguir vemos no dialogo de dois anciões, o que dizem e pensam sobre o Bem Viver. O primeiro é mesmo é nascido e criado na Aldeia Banal Município de Aquidauana MS, já reside na Aldeia Tereré há dez anos. Senhor Milton Francisco relata que. O segundo é nascido e criado na Aldeia Córrego do Meio Terra Buriti município de Sidrolândia MS.

[...] tinha muita fartura na nossa comunidade, peixe à vontade rapadura, mandioca, batata, arroz milho feijão tudo era cultivado ali no nosso quintal na nossa terra. [...] então hoje eu sofri muito, hoje nos somos integrado, mas numa parte nos temos que conservar criançada é nosso idioma nos temos que falar, lá em casa eu não falo língua emprestada só minha língua materna, porque, porque eles vão saber lá na escola falar português, e não ter vergonha de falar que é índio... Posso ser o que sou, mas nunca deixar de ser índio (Milton Francisco, 2016).

O depoimento do Senhor Milton, na roda de conversa planejado na sala de aula do oitavo ano foi muito importante, na qual ele fala da sua experiência de vida o que ele viu e viveu, foi um momento muito importante e de muito aprendizado, para mim e para os alunos. Cito aqui alguns pontos importantes, a primeira parte, fala sobre a fartura no quintal das casas, isso traz uma tranquilidade na vida dos Terena, e que esta ligado diretamente ao conceito de bem viver ou viver melhor. A 2º segunda parte fala com muita sabedoria e da exemplo de vida aos alunos que ouviam atentamente a fala do Senhor Milton, ele fala do seu sofrimento e que não teve oportunidade estudar, e incentiva os alunos a estudar, deixa um exemplo muito importante para nós: “não falo língua emprestada, não ter vergonha de falar que é índio, posso ser o que sou, mas nunca deixar de ser índio”.

Ancião e pastor, fala o que pensa sobre “Bem Viver” para ele enquanto Terena em reunião na Aldeia Tereré:

O ‘Bem Viver’ no meu entendimento eu divido ela em duas etapas, o que seria o passado nosso, o que seria o presente hoje: O ‘Bem Viver’ no meu ponto de vista e meu entendimento, ela envolve muita série de questões, muita coisa né, mas hoje por exemplo vocês aqui estudante, tem um conceito mais elevado, tem conhecimento melhor, vocês sabe que o “Bem Viver” no

meu entender é isso que vocês estão fazendo, ampliando, ampliando o conhecimento, melhorando, melhorando a coisas, isso pra mim é o Bem Viver, isso aqui que vocês então fazendo é para amanhã, é o futuro, é andando errando, conhecimento, melhorando essas questões que vocês estão fazendo é pra melhorar a educação indígena. Então no meu ponto de vista, antigamente o Bem Viver pra nós no passado era aquilo, ter: galinhas, criações, alimentos, isso ai pra nós é o Bem Viver. hoje é diferente, hoje o Bem Viver que nós entendemos hoje é isso aqui que vocês estão conseguindo alcançar, graças a Deus alcançamos, essa aqui é uma, eu no meu entendimento é o Bem Viver, eu não sei se eu pude responder bem, e outra coisa, e outra coisa eu talvez eu não vou responder vocês na altura de vocês hoje, mas o Bem Viver é isso aqui, mesmo errando, ampliando o conhecimento pra amanhã. Essa questão que esta sendo questionada aqui, eu fico feliz, porque as vezes, eu gosto de participar assim, e tudo que estamos passando aqui graças a Deus estou podendo ingerir ela, então eu fico feliz, então eu acredito que o Bem Viver é isso, o que vocês estão fazendo, errando, ampliando o conhecimento, ampliando o conhecimento escolar, e assim por diante eu acredito que essas questões que vocês estão fazendo pra ser enviado pra secretaria de educação ou Ministério da Educação, é ampliando o Bem Viver ou melhor Alimentando o Bem viver. (Pastor Anselmo, 2016).

Para definir o conceito do Bem Viver para os Terena da Aldeia Tereré, é preciso de um olhar especial, que percorre por toda trajetória histórica dos Terena e outros povos indígenas. Os Terena como tanto outros povos tiveram a mesma imposições coloniais eurocêntricas, que custou danos irreparáveis materiais e imateriais na vida e no modo viver do indígenas. O contato com a sociedade ocidental provocou um novo olhar nos povos indígena, pois há dois mundos muitos distintos. O mundo que criamos/vivemos a partir de nossa cosmo visão, e o mundo que temos de nos relacionar, a do homem branco “purutuya”.

Partindo desta reflexão, digo que o Bem Viver para os contemporâneos Terena da Aldeia Tereré, tem influência de vários outros povos, cuja relações interétnicas obrigam a resignificar seus conceitos, que passa pela vida espiritual e material. A luta pela Terra tradicional é muito forte para os Terenas, e para os povos indígenas em geral. A minha trajetória como militante no movimento indígena tem contribuído muito para essa reflexão, já ouvi muito sobre essa questão como, por exemplo, nas retomadas ou em outros espaços, guerreiros e guerreiras dizem: “A Terra é nossa mãe”, outros simbolizam jogando terra na boca. Essas ações são muito fortes, como transformar estes gestos/ações em palavras/conceitos? O maior esforço que eu fizesse ainda seria pouco, nessa tentativa escrevi: A terra é nossa mãe, no seu ventre nascemos, nos alimenta e nos fortalece, nos ensina para a vida, cria e recria, no seu leite encantamos.

A terra nessa perspectiva dá um significado plural: 1º- A terra como espaço material, algo concreto para sustentabilidade que esta ligado a manutenção da vida que vai

desde a construção da casa, a roça, a mata, os rios, caça, pesca; 2º - A terra na perspectiva cultural, a identidade Terena envolve todo o primeiro mais a espiritualidade.

Nessa perspectiva, entende-se um não abandono dos princípios do Bem Viver, porém, busca esse reafirmamento em diálogo com as relações interétnicas, e negociando com a sociedade através daquilo que entenda para viver melhor.

O conceito do Bem Viver ou viver melhor é constantemente usado nos discurso dos Terena da em reuniões da Aldeia, o termo é usado principalmente para fins de organização social e políticas e econômico.

Pois bem a comunidade indígena da Aldeia Tereré, nasce com único objetivo, de dar melhores condições de estudos para as crianças que não tinham mais como dar continuidade nos estudo na aldeia Buriti, e continua sendo uns dos principais objetivos para as futuras crianças que hoje residem na aldeia Tereré.

O bem vier ou viver melhor através da escola indígena também esta relacionada ao não preconceito com alunos indígenas que estudaram nas escolas não indígenas da cidade, foi detectado entre os alunos indígenas que estudaram nas escolas não indígenas, que passaram por discriminação, sofriam preconceito e era discriminada pelos professores e alunos, uma aluna ao relatar na sala de aula chorou quando dizia que a professora a chamava de preguiçosa, que não tem jeito. Hoje podemos ver esses alunos com sorriso no rosto e ter orgulho de estudar na escola indígena, onde se sentem mais felizes e com liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: E QUANDO O PROTAGONISMO ACONTECE?

Esta produção tem sido uma porta aberta pela qual entrei em um livro, para viver novas experiências e refletir sobre as experiências por qual já vivi enquanto sujeito/protagonista e construtor de história.

Na medida em que ia entrando, nas reflexões e observações era um encontro comigo mesmo. Cuja identidade ainda em construção se reconfigurava a cada momento que caminhei.

O mundo é um palco pelo qual protagonizamos, somos atores na própria vida, com roteiros que entrelaçam com outros atores. Assim professores, lideranças, anciões e militantes da Terena da Aldeia Tereré escreveram suas histórias.

Sempre atuante na busca para viver melhor, dentre os desafios, nada mudou suas perspectiva, seus sonhos seus objetivos, de reivindicar junto ao estado democrático de direito, o direito de viver dentro de suas especificidades culturais, tradição e cosmo visão, suas reivindicações são legítima e é Constitucional, são: Demarcação dos territórios tradicionais, o cumprimento das Leis da educação escolar indígena, atendimento da saúde básica de qualidade. Essas reivindicações têm sido a luta dos atores Terena da aldeia Tereré.

Isto significou mudanças na vida dos Terena da Aldeia Tereré Sidrolândia MS, quando saíram da Aldeia Buriti, e um pensamento definido de que a educação é um instrumento para alcançar aquilo que entenderam como desejável e viver melhor..

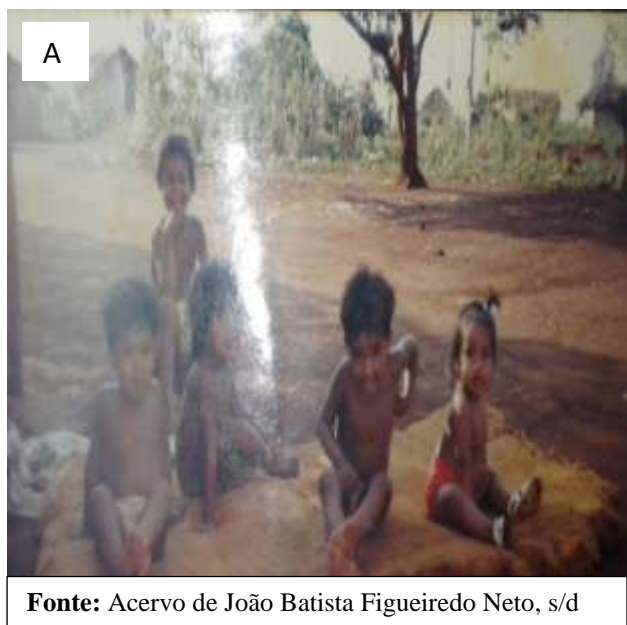
O 'além' não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de transito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (BHABHA, 1998 p, 15).

Das lutas pelas retomadas de Terra, a construção da escola, os Terena estão aberto ao mundo exterior sem deixar de ser Terena. O campo político tem chamado atenção nos últimos tempos, é crescente o número de Legislativo indígena nas aldeias, chamamos de

lideranças políticas, e estão presente nos movimentos indígenas, nas prefeituras e no governo estadual e federal.

A aldeia Tereré e seus atores são protagonistas e símbolo da resistência diante do processo histórico de colonização por quinhentos anos. Do despertar para as retomadas dos direitos, de territórios, da retomada da educação diferenciada, da autonomia, a tradição cultural. Comemoram construção do prédio escolar, a autonomia de gestão política educacional, celebram o reconhecimento da educação escolar indígena no município de Sidrolândia MS, participação democrática nas lotações de professores. O ensino médio já é um sonho realizado, com compromisso de emancipação para 2018.

E quando o protagonismo acontece? Acontece nas manifestações dos grupos insatisfeitos, nas inquietações e indignação, na recusa dos direitos adquiridos, esses por sua vez se manifestam e transformam em bem viver ou viver melhor.



**Imagem 16** - Crianças Terena antes e depois.

Sob a ótica de um Terena que nasce no seio de uma família tradicional Terena que desconstruiu e reconstruiu o repertório, libertado dos pensamentos etnocêntrico e excludente. Recuso retroceder no campo do conhecimento científico e dos conhecimentos tradicionais, mesmo vivenciando de tal experiência sinto-me mais fortalecido para vivenciar outras novas experiências.

Professor libertado, repertório híbrido, continuará protagonizando nos espaços social, política e econômica para que possamos sempre ter o “viver melhor”.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: ARS Poética, 1994.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo focal, estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 9-14, 2004.
- AZANHA, Gilberto. As terras indígenas terena no Mato Grosso do Sul. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v. 2, n. 1, p. 61-111, jul. 2005.
- BENITES, Eliel. **Oguatapyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'yikue**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2014. 165f. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande MS, 2014.
- BHABHA, Homi. Locais de cultura. In: BHABHA, Homi, K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.p. 19-42.
- BITTENCOURT, Circe Maria, LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.
- BRAND, A. J. História oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. **História Unisinos**, v. 4, p. 195-227, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau e da outras providencias. Brasília, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 6.001**, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília, publicado no DOU de 21.12.1973.
- \_\_\_\_\_. Constituição, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 10.172, de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: MEC, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena resignificando a escola**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), 2007.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI)**. Brasília: MEC. 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: \_\_\_\_\_. **Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 283-350
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto: **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15. São Paulo: UESP, 2000.
- CARVALHO, Fernanda Schmuziger. **Koixomuneti xamanismo e prática de cura entre os Terena**. São Paulo: Terceira Imagem, 2008.

COSTA, M.V. Introdução. Novos olhares na pesquisa em Educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 p. 13-22.

DAL'IGNA, Maria Claudia. **Família S/A: um estudo sobre a parceria família-escola**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

EREMITAS DE OLIVEIRA, Jorge. Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri'y. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, Jan./Jun., p. 95-113, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz-Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Método de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 103-133.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. **Indígenas**. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/video-2>>. Acesso: 05 jan. 2017.

KLEIN, Carin; DAMICO, José. O uso da etnografia pós moderna para investigação de políticas públicas de inclusão social. In: PARAISO, M. A.; MEYER, D. E. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 63-85

LESCANO, Claudemiro Pereira. **Tavyterã Reko Rokyta: Os pilares da educação Guarani Kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem**. Campo Grande: UCDB. 2016.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. Proteção e fomento da diversidade cultural e os debates internacionais. In: LOPES, Antônio Herculanio; Calabre, Lia (Org.). **Diversidade cultural brasileira**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005. p. 179-202.

\_\_\_\_\_. **O índio brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação para o manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro**. Rio de Janeiro; Contra Capa, 2013.

NASCIMENTO, Adir Casaro. Escola Indígena Guarani/ Kaiowá no Mato Grosso do Sul: as conquistas e o discurso dos professores – índios. **Anais... VI EPECO - ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE**, Campo Grande/MS-18 a 20, de junho, de 2003.

\_\_\_\_\_, URQUIZA A. H. Aguilera. **Currículo, diferenças e identidades: tendências da escola indígena Guarani e Kaiowá**. Campo Grande: UCDB, 2010.

\_\_\_\_\_; VINHA, Marina. A educação intercultural e a construção da escola diferenciada indígena. In: Marilda Garcia Bruno; Renato Suttana. (Org.). **Educação, diversidade e fronteiras da in/exclusão**. Dourados: Editora da UFGD, 2012. p. 59-80.

\_\_\_\_\_; VIEIRA Carlos Magno Naglis: **A escola indígena guarani e kaiowá em Mato Grosso do Sul** - experiência emancipatória de educação indígena. **Anais... XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH**, São Paulo, julho, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300889820\\_arquivo\\_anpuhnacional.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300889820_arquivo_anpuhnacional.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

OLIVEIRA, João Pacheco, FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, Jorge Heremites, PEREIRA, Levi Marques: **“Duas no pé e uma na bunda”**: da participação terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti. UFGD, Dourados, 2007.

REIS, Marilena Dias Barreto dos. **Projeto Terena: a conquista de um povo**. Campo Grande MS. 2005.

SIDROLÂNDIA. (município). **Portaria nº 003, de 10 de novembro de 1995** da Secretaria de Educação e Cultura do município de Sidrolândia MS.

SOUZA, Teodora. **Educação escolar indígena e as políticas públicas no município de Dourados/MS**. Campo Grande: UCDB, 2010.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A dimensão sócio-política do território para os Terena**: as aldeias no século XX e XXI. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.

WOORDARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 7-72.